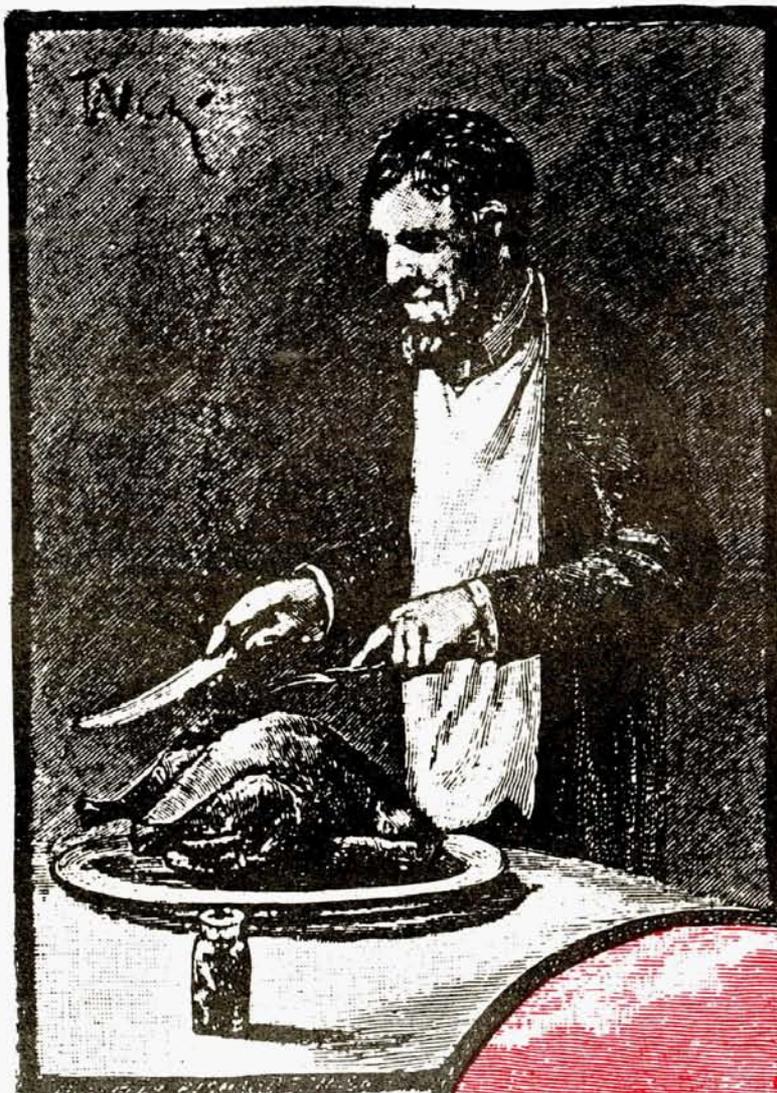


MULHERIO

Ano VI nº 24
São Paulo
jan/fev 86
Cz\$ 10,00

VASECTOMIA



**O
congelamento
da prole
com sexo
sem tabela**



A outra Ismália

Quando enlouqueceram Ismália não a colocaram numa torre a sonhar. Esqueceram-na em seu canto úmido e malcheiroso, onde boa parte de seus trinta e cinco anos o maltratado corpo inquietou. Sonhar, não sonhou. Roubados, um a um, os sonhos nunca foram res-

tituídos. Presentearam-na de vazio e inútil. A lua do céu tornava-se difícil: esquecimento, mopia, poluição ou confusão de neon? Não conhecia o mar. A outra lua não soube imaginar.

Mais fácil imaginar Ismália um proutuário a mais, perdido entre tantas vias tortuosas.
Arlene A. Renk



Mulher: 10 anos de piadinhas

A mostra Humor/Mulher, organizada com a colaboração do Mulherio e do cartunista Miguel Paiva, foi um das atividades do II Simpósio da Mulher, promovido pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de São José dos Campos, SP. Realizada no prédio do SESC de 3 a 7 de março, a mostra foi o resultado de uma pesquisa que levantou a produção de cartuns e tiras de humor publicadas nos principais jornais e revistas brasileiros entre 1975 e 1985. A idéia foi mostrar a imagem da mulher segundo humoristas e cartunistas nesse período, percebendo os conceitos e preconceitos expressos nas imagens e nos textos.

Foram levantados 3.824 cartuns e tiras, publicados nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Mulherio, Brasil Mulher, Nós Mulheres, O Pasquim e nas revistas Veja, Isto é, Claudia, Homem e Playboy. A mostra exibiu 100 desses cartuns e tiras, selecionados em conjunto por uma equipe do Mulherio e da Secretaria, a partir de um critério do que havia de mais representativo e de mais ligado à mulher em diversas áreas: trabalho, sexualidade, relações com os homens, maternidade, condição feminina, feminismo.

E o que a mostra mostrou? Entre outras coisas, que de 75 a 85 o interesse no assunto cresceu muito: através desses anos, cada vez mais o assunto "mulher" é tema de humor. Em termos de conteúdo, uma das coisas que reparamos é que surgiram vários humoristas muito preocupados em discutir a questão da mulher e as relações homem/mulher de uma forma bem mais aberta, fugindo dos preconceitos e estereótipos tão dominantes no início da década... Outro dado: uma quantidade enorme de desenhos gira em torno do mesmo tema: mulher e homem na cama, e a mulher "insatisfeita" com a performance masculina... Como a grandiosíssima maioria dos cartunistas é do sexo masculino, essa insistência no tema parece revelar uma grande preocupação com a impotência, virilidade, tamanho do pau, desempenho, etc. Será??? (Aliás, esses são assuntos deste número nas páginas 11, 12, 13, 14 e 15.) E se existissem mais cartunistas mulheres, como seria?

Enfim, a mostra provoca, instiga e tem coisas muito engraçadas. Estamos trabalhando para que ela percorra outras cidades, e provavelmente poderá ser vista em São Paulo no Teatro Ruth Escobar e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Os interessados podem escrever para o Mulherio.

CARTAS

Estimadas companheiras, ...Estou muito interessada em receber informações e resultados de investigações desenvolvidas na América Latina com o duplo objetivo de difundir os conhecimentos acumulados em cada país e responder às necessidades de nossos/as estudantes. Em troca posso enviar-lhes bibliografias temáticas.

Hélène Le Coare
Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine, Paris, França.

Queridas Ethel & equipe,

Um das melhores coisas que já fiz na minha vida foi a assinatura do MULHERIO! Adoro achá-lo a cada três meses na caixa do correio quando chego da universidade, ávida por leitura agradável. Normalmente desapareço por (pelo menos) 2 horas para lê-lo de cabo a rabo, saboreando cada artigo. E devo dizer-lhes, sisters, o MULHERIO está cada vez melhor! Ethel, receba as minhas congratulações (atrasadas...) pelo seu relato do III Encontro Latino Americano e do Caribe. Eu também compartilhei as "lágrimas de emoção e alegria" que você compartilhou com a "baixinha morena". Estes momentos mágicos pintam frequentemente quando nos conscientizamos mais coletivamente da nossa opressão como mulheres. Eles têm significado especial, pois unificam os nossos corações femininos, regenerando as nossas forças para continuar a luta contra o opressor.

...Deixei um relacionamento de 4 anos que estava começando a cheirar a casamento e estou repartindo um apartamento com uma amiga brasileira que tem um filho 2 Mulherio

da idade do meu. O "ex quase marido" virou amante, o que trouxe um tempero completamente diferente ao relacionamento. Os estereótipos tradicionais de mulher e marido causam uma estagnação total!

Nanda
Sidney, Austrália.

MULHERIO

Equipe: Ethel Leon, Inês Castilho, Regina Gomes, Tanya Volpe. — Secretária: Peróla Paes. — Projeto Gráfico: Ana Linnemann. — Diagramação: Carlos Clêmen. — Colaboraram neste número: Beatriz do Valle Bargieri, Maria Lúcia Mott, Mouzar Benedito, Rita Freire. — Capa: Carlos Clêmen. — Jornalista responsável: Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJESP 4549. — Editado por: Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, CEP 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052. — Imprensa: Companhia Editora Jorúês, rua Arthur de Azevedo 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

A opinião expressa em artigos assinados não necessariamente corresponde à opinião da equipe responsável. Colaborações são recebidas para a apreciação editorial. Os originais não serão devolvidos. É permitida a reprodução total ou parcial das matérias desta edição, desde que citada a fonte.

Contribuem para a publicação deste jornal a Fundação Ford do Brasil e a WACC, World Association for Christian Communication. Tiragem: 7.000 exemplares

PONTOS DE VENDA

Mulherio pode ser encontrado em:

LIVRARIAS

SÃO PAULO/SP

Art-Nouveau — Shopping Center Eldorado
Best-Seller — Alameda Tietê, 184
Brasiliense — R. Oscar Freire, 561
Capitu — R. Pinheiros, 339
Cultura — Av. Paulista, 2073 (Conj. Nacional)

Kairós — Av. Paulista, 2650
La Selva — Aeroporto Congonhas
La Selva — Aeroporto Cumbica
Livre — R. Armando A. Penteado, 44
Todavia — R. Bela Cintra, 1237
Da Vila — R. Fradique Coutinho, 1140
Vozes — R. Haddock Lobo, 360
Litteris — R. Inácio Pereira da Rocha, 264

ARACAJU/SE

Livraria Carvalho — R. CE s/n

BRASÍLIA/DF

Livraria Presença — SDS B1. E — ljs. 11/15

CURITIBA/PR

Distribuidora Nova Ordem — R. Gal. Carneiro, 441

JUIZ DE FORA/MG

Espaço Cultural — R. São João, 357

NATAL/RN

Livraria Independência

PORTO ALEGRE/RS

Palmarica — R. Gal. Vitorino, 140

RIO DE JANEIRO/RJ

Eu & Você — R. Constante Ramos, 23-B

Dazibao — R. Visconde de Pirajá, 571-B

SALVADOR/BA

Literarte — Av. Sete de Setembro, 750

SÃO LUIS/MA

Espaço Aberto — R. do Sol, 523

UBERLÂNDIA/MG

Pré-Século XXI — R. Tenente Virmondos, 434

GRUPO DE MULHERES

DF — Brasília Mulher

SP — Coletivo Feminista de Campinas

PR — Movimento 8 de Março

GO — CEVAM — Centro de Valorização da Mulher

RS — Grupo Feminista Gêmina

PE — SOS Corpo

RS — Grupo Feminista Germinal

SP — CIM — Centro Informação Mulher

OUTROS

Casa Eumênica de São Sebastião/SP — Cristiane

Casa Eumênica de Caraguatuba/SP — Vera, Márcia ou Daril

Casa Eumênica de Cardoso/SP — Marina

E a Globo volta às múltiplas caras

Há algo mais em comum entre *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, e *Selva de Pedra*, de Janete Clair, que os recordes dos índices de audiência. Há, pelo menos, a trajetória de Regina Duarte, que numa e noutra teve marcos decisivos, mudança de rumo e imagem. Em 72, ao interpretar a pacata e submissa Simone, a atriz começava a por em xeque a mocinha tradicional, "namoradinha do Brasil", construída em anos de trabalho, em novelas como *Vêu de Noiva*. No enredo de Janete Clair, depois de se fingir de morta, Simone retorna à cena inteiramente transformada, na pele da escultora Rosana Reis, vingativa e independente. Passa-se a torcer, então, pela reversão deste jogo e foi exatamente o capítulo 152, em que Rosana Reis era desmascarada, o que marcou o pique de 100% de audiência, histórico para a Globo. Janete Clair tem, portanto, a sabedoria de não aprisionar sua protagonista num modelo estanque. Prefere observá-la em movimento, feixe de contradições, de conflitos intensos. A Simone do final não é a do começo. Nesta *Selva de Pedra*, quem não se transforma não sobrevive. Justo o oposto do que acontece em *Asa Branca*.

Dias Gomes começa por substituir a luta entre pobres e ricos pela oposi-

ção entre tipos interioranos, "rurais e conservadores", de um lado, e forasteiros, "liberais e modernos", do outro. E isto não é novo em sua teledramaturgia: *Asa Branca* reproduz Supicira, de *O Bem Amado*. E não falta sequer a "ingênuo" idealização do trabalho da imprensa e da justiça. Esta oposição entre provincianos e modernos parece dar à novela um ideário desenvolvimentista, como se o "progresso" fosse inevitável. Em *Asa Branca*, porém, nada muda. A pretensão de traçar um "retrato do Brasil" via TV, no rastro de um regionalismo redivivo, ressuscita a velha idéia da nossa "essência interiorana" e transforma o país numa província estática, sem movimento, onde os pobres são figurantes, e se acumulam referências ao noticiário de jornal. Esta incapacidade de lidar com as contradições e as mudanças pode ser comprovada nas personagens femininas. *Dias anulou os conflitos de Lulu e fez de Matilde uma segunda Pornica*, como antes Aquinaldo Silva tinha banalizado os dramas da Mocinha, enlouquecendo-a.

O modelo de sexualidade feminina da novela é o da amante escandalosa, dependente economicamente, dispo-

nível, que volta e meia reproduz um comportamento machista. Um modelo que se reduplica, com pequenas variações, das vedetes da boite à filha de Sinhozinho Malta. Fora deste modelo está outra caricatura, a da "moralista", Genêro "TFP", como em D. Pombinha. Num universo de conchavos políticos e maleabilidade sexual, personagens capazes de provocar estranhezas como a Mocinha ou Lulu, capazes de questionar velhos preconceitos, são rapidamente presos outra vez num estereótipo. A história de Mocinha pára na sua loucura e a de Lulu em uma liberação caricata. Os personagens de *Asa Branca* terminam a novela exatamente como começaram e quem tentou fugir à regra foi devidamente punido.

Em *Selva de Pedra*, porém, o próprio tema da ascensão social impede que o universo ficcional permaneça estático. Entre os pobres, estão as irmãs de Cristiano Vilhena, assim como as personagens que se hospedam na pensão. Entre os ricos, a herdeira de Aristides Vilhena, Cíntia, a executiva da empresa e grande acionista, Fernanda. E todos, ricos e pobres, se envolvem na luta pelo poder. Todos ameaçados, chegando aos limites de suas possibilidades, ainda que este li-

mite seja a loucura, como no caso de Fernanda. E aqui se vê uma diferença nítida: a loucura, no caso de Mocinha (*Roque Santeiro*) é o que deixa em suspenso suas contradições, o que a impede de se transformar; no caso de Fernanda (*Selva de Pedra*), é o resultado final de um conflito intenso e explosivo, produto de um doloroso processo que chegou ao seu extremo.

Longe de qualquer pretensão naturalista de fazer um "retrato do Brasil", Janete Clair pode abandonar a estreiteza da alegoria e produzir acontecimentos que mais delirantes, desequilíbrem de ponta a ponta todos os núcleos, provocando reações em cadeia. Por isto, Janete era a rainha das "viradas", das heroínas com "dupla personalidade". Às vezes "tripla" como a personagem de Glória Menezes em *Irmãos Coragem*. E por isto os conflitos internos entre Simone e Rosana e, mais violentos, entre a protagonista (dócil) e a difícil Fernanda, se bem revitalizadas, ainda hoje podem questionar alguns estereótipos muito fixos com que a TV se acostumou a trabalhar quando se trata de figurar a mulher.

Marília Martins, 27 anos, é jornalista. Colabora na revista *IS-TCE* e no *JORNAL DO BRASIL*.

Nem bonitinhas nem ordinárias Mercenárias por escolha

Diz o dicionário que mercenário é o sujeito com só um objetivo no trabalho: grana. Mas quatro mocinhas paulistas decidiram mudar o significado oficial e, ao optarem pelo nome Mercenárias para a banda de rock que formam, acharam outra explicação: "É um nome pesado, mostrando que a gente não queria fazer concessões, abdicar de nossas posições".

Não queriam e não querem. Após três anos de trabalho, as Mercenárias estão gravando, no estúdio Vice-Versa, o primeiro disco (extended play, 45 rpm) com canções que são um espelho da trajetória da banda em suas diversas fases. Em nenhuma delas, o mundo foi tratado com chantilly e rosas.

"Eu me irrita com o mundo todos os dias. E só ler coisas como as que acontecem na Febem e me dá vontade de chorar", diz Ana, guitarrista da banda. Sandra, baixista, completa: "Muita coisa que passou na história deveria ser compreendida. Tem muita gente militante que não consegue ser o que apregoa, no dia-a-dia".

Atéia, "com comportamento cristão", Sandra sabe o que diz. O primeiro marido — de aliança — era assim. O segundo, ajudou a dar vida às Mercenárias tocando bateria, dando toques até que "umas implicâncias de marido e mulher" acabaram colocando Lu ("uma fã que sempre quis tocar com a gente") nos pratos e bumbos.

Com Ana, o pai da filha Liane, 4 anos de idade, chegou a barrar sua vontade de aprender "blues". "Eu tocava guitarra, sempre fui ligada em música, tirando canções de revistas e

outras coisas", conta, "Aí pintou vontade e o movimento punk, que deu uma certa influência, embora não me considere "purk".

Punk não, mas feia. As Mercenárias são feias. "Mas não é proposital. Não tenho culpa de ser como sou", admite Ana. "A última coisa que pensamos foi nessa coisa de nós mulheres no palco. Queríamos mostrar nosso som, sem que alguém se distraísse com uma perna ou boca qualquer", emenda Sandra.

Sem concessões. O som das Mercenárias é direto, claro e de curta duração. Cada vez que Rosália, vocalista/bancária/mística abre a torneira no palco, quem estiver distraído vai tomar um susto. Ninguém escapa das letras (escritas de forma proporcional por todas as componentes) ferinas da banda. Sem uma bandeira específica, atirando para todos os lados.

"O nosso trabalho nos coloca como indivíduo na sociedade. Nunca colocamos a questão da mulher especificamente nas músicas, mas ela está embutida quando cantamos a vontade de estar inteiras nas coisas, sem poder fazer isso porque temos que segurar a barra dos filhos, lar, essas coisas", explica Sandra.

Entre estilhaços que impedem o "estar inteira nas coisas", as Mercenárias vão fazendo o que gostam e podem. Ana e Sandra comandam uma loja de roupas, acessórios e apetrechos em Pinheiros ("aqui as pessoas podem criar seu visual"), Lu melhora no estudo da bateria e Rosália cuida do Banco do Brasil e do filho Tiago, oito anos. As antenas ligadas

Luciano Borges



as colocam em dia com o que acontece, "vendo televisão, lendo e ouvindo um som ao mesmo tempo". O resultado: rock nos anos 80, pé no futuro.

Como o espaço foi cruel, fui malandro deixando de fora alguns trechos de letras de músicas das Mercenárias, que são legais.

- 1) "Você caiu no mundo dar
Você não tem dinheiro para comprar
uma privada boa para cagar
Quem está cagando em cima, vai cagar
dá dó, dá dó

("DÁ DÓ")

- 2) "O homem quer subir na vida, em busca de fama e prazer
Daí encontra com Jesus, seu espírito de luz vai renascer
Vá se foder"

("SANTA IGREJA")

- 3) "A polícia vem, a polícia vai
pelas ruas da cidade
pelas ruas do subúrbio
a toda velocidade
onde é chamada a polícia vai, onde não
é vai também.

("POLÍCIA")



Por Mercedes

Um rock sem concessões, atirando pra todos os lados

Escandalosas memórias

Maria Lúcia Mott

*Rua sem fim — autobiografia
Conceição da Costa Neves
São Paulo, Edameris, 1984, 176 pági-
nas (1º volume)*

No período da campanha pelas *diretas-já* em 1984, Conceição da Costa Neves disse que Fernando Henrique Cardoso era comunista desde o espermatozóide, pois seu pai era comunista declarado! Afirmações bombásticas como esta — que lhe valeram vários processos — parecem ter sido frequentes na vida desta atriz, que chegou a ser a única representante do sexo feminino na Constituinte de 1947.

O estilo irreverente próximo daquilo que se chamaria de “grosso” — chicoteou um deputado em plena assembleia — deixou viva na memória dos contemporâneos a imagem da mulher pouco séria apesar de anticomunista ferrenha e de ser marchadeira em 1964.

Este lado escandaloso e debochado e o outro, de Conceição, reaparecem neste seu livro de memórias. Pretendendo escrever uma trilogia, a autora conta neste primeiro volume, de forma quase linear, suas mais antigas lembranças, de menina de três, quatro anos até o período que antecedeu sua entrada na política (início da década de 40).

Conceição afirma que seu nascimento foi um marco de coisa ruim para a família, pois seu pai perdera a fortuna com mulheres. Nascida em Juiz de Fora em 1908, foi aluna exemplar. Bonita, teve como primeiro amor um moço rico. Ele rico, ela pobre. Planejaram fugir, Freud talvez explique: Conceição dormiu além da hora programada para a fuga. Desiludida, casou-se com um homem mais velho. Aos 15 anos tinha perdido o primeiro filho e aos 18, já separada e com uma filha, trabalhava como massagista no Rio de Janeiro. O preconceito que sofriam as desquitadas — e ela jovem e ainda bonita — fizeram com que perdesse o emprego. Ficou noiva de um senhor mais velho e rico, com quem se casaria no exterior. Por essa época, era arrimo de família. Assistindo a uma peça de teatro com o noivo, conheceu Procópio Ferreira com quem viveu durante pouco tempo.

A morte da filha pequena, o fim do caso com o famoso ator, transformaram a atriz Regina Maura, rainha do carnaval em 1933, em Conceição Santamaria. Casou com o médico Matheus Santamaria quase como penitência, autopunição pela perda da filha. Com ele pensou ter todos os filhos que queria, só que ele lhe escondeu a esterilidade causada pela exposição frequente ao raio-x.

A maneira de escrever grandiloquente, piegas, cheia de adjetivos e auto-elogios e a rapidez com que discorre sobre a maioria dos acontecimentos me deram a impressão que o objetivo do seu livro é prestar contas, responder a acusações.



Talvez haja tempo de Conceição retomar nos dois novos volumes algumas passagens que deixou apenas vislumbrar. Não ter papas na língua pode ser uma virtude. Se me permite um conselho, deputada: “remexa o baú e enterre os mortos, e ponha pra quebrar”, pois certamente suas memórias poderão nos ajudar a refletir, entre outras coisas, sobre a construção da imagem das mulheres públicas (utilizada aqui como feminino de homem público).

Maria Lúcia Mott, 37, pesquisadora em História é assistente editorial dos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas.

Desvendando a Carne

Eliane Robert Moraes

*Minha Mãe Georges Bataille
Editora Brasiliense, São Paulo, 1985,
152 páginas.*

“Quero de você o prazer inominável que me oferece, nominando-o”.

É assim que Pierre, o personagem central de *Minha Mãe*, expõe seu desejo a uma de suas amantes. É assim também que Georges Bataille, o autor do livro, elabora seu insólito texto: nominando o inominável.

Bataille situa-se nessa tênue linha que separa o universo das éticas e das palavras. Exatamente ali, no limite entre o que é possível dizer — o dizível — e o que está além, ou aquém, das palavras. E é por essa fenda entre a carne e o texto que ele se lança nas suas reflexões sobre o erotismo, tema privilegiado de sua obra que a recente tradução de *Minha Mãe* nos dá a oportunidade de conhecer. Mas aqueles que preferem uma literatura bem comportada não devem nem chegar perto do livro. Porque o texto de Bataille nos leva a um abismo, e ac saltarmos com ele só nos resta a experiência da vertigem. *Minha Mãe* é uma das possibilidades deste salto.

A mãe de Pierre é uma libertina. Logo após a morte do pai ela resolve revelar ao filho — então com dezessete anos — toda a violência e o escândalo de sua vida devassa, sua relação com as mulheres, com a noite e com a embriaguez. Devasta sua intimidade e, em troca, exige do filho um amor radical, pleno: “... só quero o seu amor se você souber que sou repugnante e me amar mesmo sabendo disso”.

O que se segue a essas linhas das primeiras páginas é a iniciação de Pierre no mundo do vício e da perversão. Levado pela mãe a excursionar por este outro lado da vida, ele descobre o prazer e a perdição vivendo sensações-limite de êxtase e angústia, de felicidade e repugnância. Aí o texto nos faz mergulhar, em profundidade, naquilo que Bataille chama de “experiência interior”: a viagem de Pierre “aos confins do possível”, a sua descoberta da “alegria torturante”. E o momento em que ele se encontra com a mãe de uma forma absoluta: “Entre ela e eu um novo laço se formara, o da decadência e o da vileza”.

Pierre ama as amantes de sua mãe e essas mulheres são para ele uma espécie de *elo* entre ambos. Ou antes, é através delas que ele pode expressar sua delirante paixão pela mãe.

A beleza do texto está também no fato de que ele sustenta, o tempo todo, a atmosfera de tensão e ambigüidade que é própria do erotismo. Em nenhum momento os personagens desistem da experiência delirante, o clima de conflito nunca é suspenso e em momento algum as relações são explicadas, resolvidas, diluídas em fór-



mulas. O assombro e o espanto não permitem com que o *Edipo* seja pronunciado. Não há superação e nem mesmo um problema a resolver, mas sim a louca experiência que os personagens vivem nesse ultrapasado de limites, penetrando no mundo caótico do erotismo. Aliás, é no campo do não-explicável que Bataille sempre se moveu. Ele é o filósofo do excesso, e o excesso, diz ele, “excede a todo e qualquer fundamento”.

Bemvindo seja este “maldito” entre nós que faz balançar os alicerces de um mundo que para se organizar precisa sempre repelir o inominável.

Eliane Robert Moraes, antropóloga, professora da PUC-SP, é leitora assídua de Bataille e autora do livro O Que É PORNOGRAFIA.

Com a camisa do lado avesso

Renata Figueira de Melo

*Vida de Vôlei
Jacqueline Louise Cruz e Silva
Texto final de Marcos de Guilde
Casa do Editor, 1985, Rio de Janeiro,
108 páginas.*

Jacqueline Louise Cruz e Silva é uma jovem autora muito corajosa. Esta virtude, muito além de sua capacidade para elaborar uma narrativa literária, é o que transforma seu livro *Vida de Vôlei*, numa ousada acusação informal a cartolas e dirigentes do esporte nacional que vale a pena conferir. Não foi escrevendo que ela alcançou a projeção internacional que tem hoje, aos 23 anos, e sim, defendendo o verde-amarelo da seleção brasileira de vôlei feminino em duas olimpíadas (a de Moscou em 80 e Los Angeles em 84) e mais de 150 jogos por todo o mundo. Antes disso, o Brasil já conhecera a jogadora Jackie que aos dez anos surgiu como um prodígio da equipe carioca do Flamengo, sendo considerada, quatro anos mais tarde, a melhor levantadora do país — inclusive então convocada pela primeira vez para integrar a seleção adulta, apesar de ser ainda uma atleta infanto-juvenil.



Vida de Vôlei é um relato e uma auto-avaliação de 14 anos dedicados ao esporte, durante os quais Jacqueline aprendeu que uma personalidade forte e imoldável pode ser o maior obstáculo para o desenvolvimento da carreira de uma jogadora, independente-

mente do seu desempenho físico e técnico.

E nem assim ela se modificou. Ao contrário, transformou-se numa personagem polêmica temida e/ou evitada pelas altas figuras diretivas do vôlei. Seu feminismo discreto, sua obsessão pela justiça (contra a política dos cartolas) e a resistência do seu individualismo frente à noção de que o esporte coletivo só comporta mentalidades homogêneas, causaram-lhe muitos problemas com dirigentes, técnicos e colegas de quadra, além de quatro cortes da seleção por motivos de "indisciplina", conforme alegou a Confederação Brasileira de Vôlei.

O último deles foi o mais ventilado e equivalente ao penúltimo capítulo do livro. Jacqueline negou-se a vestir a camisa de treino com o nome do patrocinador sem ganhar para isso (já que estava desempregada e acreditava merecer uma porcentagem da verba recebida pela publicidade que ela mesma fazia, ao aparecer com um *Rainha* no peito, em fotos e reportagens para a TV). Usou a camiseta do lado avesso. Foi cortada no dia seguinte pela comissão técnica da CBV.

O conteúdo do livro foi gravado pela jogadora em dezenas de fitas cassete, em tom de desabafo e o jornalista Marcos de Guide tratou de passá-lo para o papel, resguardando a essência e até mesmo os vícios de linguagem característicos de Jackie. O resultado é um texto enxuto e coloquial, sem firulas, que vai direto ao assunto: a bronca da jogadora que foi e continua sendo marginalizada por quem teme a controvérsia da opinião pública com respeito às suas declarações sinceras.

Uma rainha expulsa do castelo, porque trocou a nobreza e o manto real por uma calça jeans e idéias vanguardistas.

Mas a *Vida de Vôlei* não é só mágoa, nem apenas uma despedida amarga da bola tocada de leve por sobre a rede. É uma promessa segura (e ameaçadora para quem duvida) de que, apesar dos primeiros sets perdidos, Jacqueline retorna à quadra, pronta para virar o jogo e vencer. "O final da história não está no livro, mas nos próximos campeonatos que pintarem aí, para todo mundo assistir", garante a jogadora que ainda curte este intervalo literário.



Gilberto Santos/Agência Fofhas

Para Jacqueline, irreverência e vôlei são compatíveis

DEBATE

Sob o signo de Cinderela

Elisabeth Souza Lobo

A vinda de Colette Dowling (O Complexo de Cinderela, Melhoramentos) ao Brasil, motivou entrevistas e reacendeu as críticas ao seu exitoso livro. Se concordo com parte das críticas que li, e em especial a de Fúlvia Rosemberg (Mulherio nº 22), ficou-me a curiosidade em encontrar uma análise sobre as razões do incrível sucesso do livro.

O que terá levado a estudante ao meu lado no ônibus a ler o "Complexo de Cinderela"? Ou a secretária da faculdade, ou a jovem senhora gaúcha, 2 filhos, esposa de fazendeiro, ou até meu tio médico, hiper conservador?

Para muitas, no princípio deve estar o famoso mal-estar, que nos faz sair em busca de algum entendimento para outras coisas, a curiosidade ou o simples tédio.

Neste sentido o livro funciona pela identificação. Quem de nós, profissionais, não se viu um dia voltando lentamente a escrever sua tese, enquanto os filhos dormiam ou brincavam. Quantas deixaram de trabalhar ou diminuíram seus compromissos, de mansinho, sem nem pensar muito. Quantas começaram um trabalho, pararam para acompanhar o marido para outra cidade, pediram bolsa de estudos, interromperam para ter filho, voltaram a trabalhar em outro ramo, enquanto o marido se formava. Quem não conhece o abandono e desamparo de mães, tias ou amigas que

chegam aos 50 ou 60 e de repente se vêem sós, sem sentido, sem razão.

A identificação de muitas passa por essas histórias / trajetórias que surgem no livro. É claro que sempre dentro de um contexto social e cultural muito definido, "muito americano", muito "classe média". E a identificação é das mulheres de classe média, inevitavelmente. Besteira pedir que o livro fale para a grande massa das mulheres brasileiras, porque elas não lêem livro e o que é pior, vêem a Rede Globo. Será a Viúva Porcina um modelo melhor do que as cinderelas de Colette Dowling? Duvido.

Mas é certo que Colette Dowling reduz a situação das mulheres a uma questão de vontade. E nisto se aproxima das receitas de muitas revistas femininas sobre a Nova Mulher. Mas a questão da autonomia não se trata à vontade de ser autônoma. A autonomia, como a liberdade, é uma relação que só pode existir entre iguais. E no dia-a-dia, o viver no feminino não é igual ao viver no masculino.

Colette Dowling não analisa as condições do viver no feminino, psicóloga, muito a gosto de uma certa "ciência". Cria a ilusão de que se pode ser supermulher, que basta ganhar bem para ser autônoma.

E esta ilusão serve a quem está querendo entender ou mudar. Muito mais do que uma análise que retomasse os fundamentos da servidão feminina.

O resultado é a culpabilização das mulheres: você não se emancipa porque não quer. É verdade que há isto. Mas pelo menos Colette Dowling não é conformista — do tipo moderninho que faz o discurso do "feminino", irracional, sensorial e por aí a fora na cumplicidade mais completa, disfarçada de "diferença". E esta é a tônica numa certa produção do feminismo "broa de milho". Tampouco Cinderela é uma eterna vítima. Destas que para o resto da vida vão ficar se queixando e não conseguem buscar forças para romper o casamento sufocante, para enfrentar os desafios e exigências de uma profissão. Talvez o sucesso de Cinderela venha de sua proposta ilusória de onipotência. E isto me interessa porque indica que as mulheres que lêem querem mudar. E por isto a Cinderela de Colette Dowling merecia melhor tratamento.

Claro, eu preferiria que em vez da Cinderela, ou da Viúva Porcina se lesse Sheila Rowbothan (A Conscientização da Mulher no mundo do Homem: ed. Globo 1983). Mas quem tem este livro nas prateleiras, quem falou dele, recomendou-o, deu de presente? E não foi só esquecimento, mas porque sua linguagem remete a experiências culturais que estão longe de muitas de nós, que ainda nos são estranhas e alheias, mergulhadas que estamos neste universo sentimental, onde o trabalho é raramente um prazer, onde a carreira profissio-



Y. Volo

nal é meio maldita porque virou símbolo de poder e não do prazer de criar.

Não se trata de procurar o culpado. Se é Colette Dowling que nos mistifica ou se as mistificadas somos nós. É um falso problema. Colette Dowling é um produto da indústria cultural, tanto quanto nós mesmas.

Quando seu livro puder ser lido como um receituário monótono, as editoras vão preferir publicar as memórias de Emma Goldman, que eu tento inutilmente propor. Mais uma utopia, para a qual em nada contribuirá ridicularizar o marido da Cinderela (Mulherio nº 22).



Nair, Bernadoto/Agência F-4

O DRAMA DA TERRA NO FEMININO

MULHER SINDICALIZADA MORRE SOLTEIRA

(e outros contos do vigário no meio rural)

Maristela Mafei

Paraíba

Toda trabalhadora rural, posseira, meeira, mulher de pequeno proprietário, assalariada ou bóia fria, tem direito à sindicalização. As casadas podem contar com a assistência sindical, como dependentes do marido. Mas isso não impede a sua filiação individual ao sindicato, com direito a voz e voto, e a concorrer a cargos eletivos. Ou não deveria impedir.

Os argumentos mais pitorescos imagináveis têm sido usados para barrar a participação da mulher rural no sindicato e a sua mobilização. Inclusive este: mulher sindicalizada perde direito ao casamento.

Em meio a este vale-tudo para impedir o reconhecimento da trabalhadora do campo, as mulheres, a duras penas, estão se organizando e somando conquistas.

O Estado onde mais vergonhosamente o direito da mulher à sindicalização vem sendo barrado é a Paraíba. E, atualmente, os municípios paraibanos onde as trabalhadoras mais se mobilizam, engrossando as oposições sindicais e brigando para que suas fichas de sindicalização sejam aceitas, são Araruna, Alagoinha e Tacimã, todos na região do Brejo.

Em Araruna, quem lidera as sessenta mulheres que tentam sindicalizar-se é Antonia Maria da Conceição, posseira do Sítio Baxio. Ela e seu irmão, Antônio da Conceição, desenvolvem ainda luta de resistência pela posse da terra, uma vez que estão ameaçados de despejar.

Recusando filiações de mulheres, ofendendo-as publicamente e indis-

pondo contra elas os homens trabalhadores, o presidente do Sindicato de Araruna, Antonio Fernandes Cordeiro, desobedece frontalmente a decisão da Delegacia Regional do Trabalho de João Pessoa e a orientação da Fetag — Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado da Paraíba, que já se pronunciaram a favor da sindicalização.

Foi Cordeiro quem espalhou na região do Brejo o boato de que, caso se filiassem, as trabalhadoras solteiras perderiam o direito ao casamento, numa clara tentativa de desmobilizar a luta das mulheres, apelando para um lado afetivo muito importante na vida delas.

Em Tacimã e Alagoinha, o número de mulheres envolvidas é menor. Mas a situação é idêntica. E em Alagoinha, com um agravante: a própria presidente do sindicato é uma mu-

lher, Luzia Monteiro da Silva, e recusa as filiações alegando que o pagamento da mensalidade sindical pelas mulheres seria um ônus insuportável para a família.

As mulheres paraibanas decidiram enfrentar estes problemas atuando em várias frentes. Primeiro, denunciaram as atitudes ilegais e arrogantes dos "pelegos" à DRT de João Pessoa e pediram apoio formal, via ofício, à CUT, Conclat e Contag. Destas, ainda aguardam resposta. Segundo, denunciaram as discriminações nas assembleias locais de suas comunidades, igrejas e movimentos de resistência pela posse da terra, muito comuns na Paraíba. E por fim, colocaram o tema para ser debatido com prioridade no I Congresso Estadual da Mulher Paraibana, realizado nos dias 7 e 8 de março em Guarabira, em promoção da Secretaria da Mulher da CUT da Paraíba e do Movimento de Mulheres do Brejo Paraibano.

Entre as entidades que dão respaldo a essa luta destacam-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande que, em 1983, teve sua presidenta, Margarida Maria Alves, assassinada por defender trabalhadoras da usina de Agnaldo Veloso Borges, e o Movimento das Mulheres do Brejo Paraibano, que se reúne periodicamente na cidade de Guarabira, também região do Brejo.

Pará

O Pará é o estado mais violento do país na disputa pela posse da terra. Dos 160 assassinatos de trabalhadores rurais registrados no Brasil em 1985, nada menos que 80 aconteceram naquele estado.

Invasido por grandes projetos agropecuários (o maior latifúndio do país, a Jari Agropecuária, com dois milhões e novecentos mil hectares, também está no Pará) a partir da década de 60, favorecidos pelos incentivos fiscais do "milagre econômico", o estado transformou-se rapidamente com foco de tensões e conflitos armados. Invasão de suas posses, queima de casas, destruição de plantações, assassinatos e espancamentos de maridos e filhos, tudo isso integrou-se à rotina da mulher rural com rapidez estrondosa.

Em meio a estas circunstâncias, Nova Timboteua, cidadezinha localizada ao norte de Belém, próxima à Capenema, ficou conhecida pela mobilização que duzentas trabalhadoras rurais realizaram em 1985, exigindo que suas fichas de filiação fossem aceitas pelo sindicato local.

No início, o presidente do sindicato, José Bandeira Queiroz, negou a sindicalização alegando que os maridos já estavam filiados. As mulheres reagiram, com um acampamento em frente ao sindicato e uma caravana a Belém, para pressionar a DRT.

Queiroz passou então a aceitar a sindicalização, mas impôs uma série de taxas e pré-requisitos antes inexistentes. A DRT alertou para a ilegalidade de suas exigências e ele não teve alternativa senão aceitar mulheres num sindicato que considerava como sendo dele mesmo. No período de um mês, a entidade recebeu nada menos que 850 novas filiações. Deste total, 500 eram de mulheres.

É muito difícil obter dados precisos a respeito das mulheres trabalhadoras rurais no Brasil. A maior parte que trabalha no roçado da família consta como "do lar" ou "doméstica" nas estatísticas oficiais, não contando deste modo com os benefícios conseguidos pelos trabalhadores da categoria. Daí a reivindicação para que sejam reconhecidas como trabalhadoras rurais (ver matéria "gaúchas..." pág. 8).

De qualquer maneira, as estatísticas oficiais dão conta da existência de 11.958.182 mulheres catalogadas como mão-de-obra rural e de 12.851.122 homens na mesma categoria (IBGE — Censo Demográfico de 1980).

Saber o total de sindicalizadas ou quantas integram diretorias de sindicatos é praticamente impossível. Sueli Clemente, da Assessoria de Imprensa da Contag, informou que o órgão realiza, no momento, este levantamento. Mas como são nada menos que 2.600 sindicatos rurais a serem



Arborea F. A. / Contag

Durante todo este tempo, a Fetagri — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará, órgão filiado à Contag, teve papel vergonhoso apoiando e dando cobertura ao presidente do sindicato de Nova Timboteua. Alberônio Lobato Portela é o nome do presidente da Fetagri, há mais de dez anos à frente da entidade.

PARANÁ

No município de Londrina, norteparanaense, Maria Pinheiro, a

"Lina", ex-bóia fria, hoje trabalhando em sua posse após uma ocupação de terra que ela mesma liderou, teve sua sindicalização e a de mais vinte companheiras barrada por duas vezes. Somente em dezembro de 1985, após o término das inscrições das chapas que disputariam a sucessão no sindicato local, elas foram aceitas.

Lina é integrante da Comissão Executiva Estadual do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Estado do Paraná e uma das principais responsáveis pelo espaço alcançado pelas mulheres dentro da organização dos Sem Terra a nível nacional. Para

ela, o pânico que tomou conta do presidente de seu sindicato e de tantos outros quando as mulheres tentaram se filiar é muito compreensível:

— "É que quando as lavradoras organizadamente participam de seu sindicato, elas vão integrar e votar em representantes combativos. Elas mesmas vão querer ser votadas e eleitas. Isso vai acabar tirando o poder das mãos dos velhos mandantes, do latifundiário, do pelego. Então, não tem porque a turma não se apavorar.

Estranho seria se eles não se apavorassem mesmo..."

RARA FLOR DO CAMPO

A mulher na direção do sindicato

pesquisados, não há previsões para a divulgação de um res. tao f'nal.

Há, por enquanto, alguns dados da Contag sobre mulheres que ocupam cargos de direção em sindicatos rurais no Estado da Paraíba, que é, segundo a entidade, o mais expressivo como amostragem. Do total de 28 integrantes de diretorias, apenas cinco são presidentas e, segundo o Movimento de Mulheres do Brejo Paraibano, nenhuma das cinco são representativas dos interesses das trabalhadoras rurais. Uma delas inclusive impede a sindicalização de mulheres (ver pág. 6)

As outras 23 são tesoureiras ou secretárias.

Mulheres expressivas que ocupam presidências sindicais e rurais no país

e que são reconhecidas como lideranças, conforme é do conhecimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, são poucas. Entre elas, Divina Francisca de Oliveira, dirigente em Goiás Velho-GO; Maria de Jesus da Silva, de Jacundá-PA; e Maria Aparecida Rodrigues de Miranda, de Unai, Norte de Minas.

Maria Aparecida está atualmente sendo ameaçada de morte, juntamente com os demais dirigentes do sindicato, pelos mesmos fazendeiros que no último dia 6 de outubro assassinaram seu pai e feriram sua mãe, no município de Bonfínópolis. São eles Boaventura Moreira e Eduardo Magalhães. A Contag vem acompanhando o caso e prestando assistência ao sindicato.

Entre as mulheres do campo destacam-se ainda, a nível sindical, a atuação de Otília Maria Nogueira da Silva, que teve uma panela arrancada de suas mãos por vários tiros desfechados contra sua casa. A tentativa de assassinato de Otília foi uma represália à sua atuação no sindicato de Itacaré, região cacauera da Bahia. No IV Congresso da Contag, Otília tornou-se famosa ao apresentar o ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, com a panela furada.

Entre as Federações de Trabalhadores, a única que conta com mulher em cargo de diretoria é a do Estado de Goiás, empossada em 14 de fevereiro último. Seu nome é Marilene Alves, eleita para o cargo de suplente de diretoria. (M.M.)



"Movimento de Base das Mulheres Agricultoras do Oeste Catarinense e da Região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul". Apesar do nome pomposo, este movimento reúne mulheres extremamente simples, batalhadoras e com uma capacidade de mobilização muito grande. São as "colonas", as mulheres de pequenos proprietários da região sul do país, as primeiras a discutir de maneira organizada a questão da sindicalização; a exigir que sua profissão fosse reconhecida legalmente; a reivindicar aposentadoria, direito à assistência médica e indenização por acidente de trabalho.

O movimento deu seus primeiros passos no ano de 1981 quando, na comunidade rural de Chapecó-SC tiveram início as reuniões para a formação da chapa de oposição do sindicato local.

A oposição acabou ganhando em 1982 com a participação decisiva das mulheres no processo eleitoral: não enquanto movimento de mulheres, mas sim enquanto mulheres de colonos, elas mesmo agricultoras, sensíveis aos inúmeros problemas enfrentados pela família em relação ao trabalho. Começaram a participar das reuniões e assembleias do sindicato, e logo em seguida veio a reflexão: se também produzem, por que também não participam das decisões? Ou seja: por que não se sindicalizar?

No final de 1983 o sindicato de

GAÚCHAS

As colonas vão na frente



Nair Benedito/Agência F. 4

Chapecó passou a sediar reuniões semanais das "colonas". No "8 de março" foi formalizado oficialmente o nascimento do movimento de base e, em novembro do mesmo ano, durante assembleia sindical, foi aprovada a proposta do movimento de sindicalização das mulheres. E com

um adicional: as que eram casadas e tivessem maridos já sindicalizados pagariam apenas 50% da mensalidade. Quantia igual passou a ser paga pelos seus companheiros.

Hoje, o Movimento de Base das Mulheres Agricultoras conta com cerca de 25 núcleos, vinte

em municípios do oeste catarinense e cinco nos do Rio Grande do Sul, com coordenações municipais e regionais. Além da sindicalização, consta, de suas vitórias, a conquista de escolas para diversos "setores" (núcleos rurais ligados a um mesmo município), o barateamento do custeio de safras agrícolas — via cooperativas — e o crescimento da consciência, entre os lavradores de uma maneira geral, sobre a necessidade de serem reconhecidas como trabalhadoras rurais.

Para abril próximo, as integrantes do movimento estão preparando uma caravana que vai a Brasília visando apressar a assinatura do decreto que concede à mulher trabalhadora rural o direito à aposentadoria.

E atualmente participam também das reuniões do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, engrossando as reivindicações por Reforma Agrária e terra para quem nela vive e produz. Elas têm a convicção de que, se estas lutas não avançarem, seus descendentes serão "sem terra" — o que muitas delas já são, uma vez que os pequenos proprietários com menos de cinco hectares também são considerados "sem terra".

Ainda no sul do país, a questão da sindicalização foi levantada com prioridade no I Congresso da Trabalhadora Rural, realizado em outubro, em Porto Alegre-RS, reunindo oito mil agricultoras. A tônica das denúncias foi a dificuldade em conseguir a filiação. (M.M.)

Quatro versões de uma história que mata

Regina Sader

Sangue na Terra: a luta das Mulheres
Maristela Mafei
Icone Editora, São Paulo,
1985, 94 páginas.



O livro de Maristela Mafei, *Sangue na Terra*, traz à tona o drama da estrutura fundiária brasileira e a luta do campesinato para sobreviver. É um drama antigo, e um drama que mata. Periodicamente, assistimos a movimentos de envergadura que adquirem força, e seus atores por vezes saem momentaneamente do anonimato, e chegam ao conhecimento do grande público virando notícia. Em seguida, somem das páginas dos jornais. Como o José Porfírio, de Formoso em Goiás, um dos "desaparecidos" do período militar. Ou Joffre Correa Neto, de Santa Fé do Sul, destruído desde dentro pela repressão. Ou ainda Manoel da Conceição, do Pindaré, lá no Maranhão. E tantos outros e tantas outras, cujas histórias esperam a vez de ser contadas.

Porque certamente outras mulheres, ao longo de séculos de opressão, devem ter se erguido na luta. A história reteve o nome de algumas que carregavam o estigma de uma tripla opressão — mulheres, negras e escravas, e que ainda assim lideraram movimentos de libertação como Anastácia e Luíza Mahim.

E é nesse sentido o valor do livro de Mafei. Ele é composto de depoimentos de mulheres que mostram como se deu a tomada de consciência de que fazem parte de uma imensa parcela da população que deve lutar para uma sobrevivência digna. Pois, como diz Hobsbawm (1), se inúmeras são as razões para o levante dos trabalhadores, as razões ou causas não são o mesmo que atos. O que fazem ou deixam de fazer depende de sua situação entre outros seres humanos e de seu envolvimento. E através do depoimento dessas quatro viúvas de líderes assassinados por pistoleiros, vai se tecendo sob nossos olhos a história recente que vivemos.

E comovente saber o que foi para Elizabeth Teixeira, trabalhar num filme que contaria a luta e morte de seu marido, feito por Eduardo Coutinho, e que acaba contando a luta da própria Elizabeth. A recuperação de sua identidade é a recuperação da luta: "Fugi, para não morrer, no golpe de 64. Fugi para estar contando esta história para vocês. Por isso eu digo: vamos lutar, companheiros (...)"

A solidariedade de Maria Oneide, de Xinguara, Sul do Pará, transpare-

ce em todo seu depoimento: "A mulher do campo é reprimida, e sofrida e as da cidade também, e é por isso que estamos na luta" ou "Eu sofri, mas não sofri igual a D. Elizabeth"...

Cada depoimento é seguido de um breve histórico da luta que culmina na morte do líder focalizado. O livro é, assim, didático, não permitindo que essa história se esfume em páginas de jornais velhos, manuseados só por pesquisadores.

Por isso mesmo seria necessário fazer algumas correções de nomes de lugares (só para exemplificar S. Geraldo do Araguaia aparece como S. Geraldo do Araguaína), e uma localização mais precisa, no tempo, das ações relatadas no livro.

Mas vale a leitura. E ficamos à espera de outros depoimentos daqueles que fazem a nossa história.

(1) Capitão Swuing, de E.J. Hobsbawm e George Rudé, 369 pag. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1982.

Regina Sader é professora

INTERNACIONAL



Margaret Randall ameaçada de deportação

As autoridades federais norte-americanas estão tentando deportar Margaret Randall, nascida nos Estados Unidos, poeta e escritora que viveu em Cuba e na Nicarágua. Margaret é conhecida do público brasileiro a partir de seu livro **Estamos todas despertas** (Global) e tem criticado frequentemente a política norte-americana em seus escritos.

Em 1967 Margaret abriu mão de cidadania americana e agora é

cidadã mexicana. Em 1984 ela voltou aos Estados Unidos como professora da Universidade do Novo México.

O Serviço de Imigração e Naturalização negou seu visto de permanência alegando as críticas que Margaret fez à guerra do Vietnã e citando o fato de ela ter-se referido às forças de segurança como "porcos" há 14 anos atrás. (Washington Post/FEMPRESS/ILET)

ESTADOS UNIDOS



Os homens estão batendo menos nas mulheres

As denúncias de agressões graves às esposas diminuíram em 21 por cento na última década em função das mudanças nas atitudes e no tratamento mais severo dado aos homens que agredem suas mulheres. Esta é a conclusão de pesquisadores de Rnode Is and e da Universidade de New Hampshire nos Estados Unidos, que fizeram uma pesquisa telefônica com 4 500 casais.

A pesquisa foi realizada em 1975 e em 1985 e a diminuição das violências e atribuída a uma maior consciência dos homens, da polícia e dos juizes. A polícia hoje tende a tratar a violência familiar como um crime e não mais como uma mera disputa doméstica.

No entanto—pasmem—quando quer forma de violência é considerada (e não apenas aquelas mais agudas), as mulheres tendem a ser tão violentas quanto os homens. E os pesquisadores citam a falta de atenção pública com relação a violência das esposas para com os maridos! (UPI/FEMBRESS/ILET)

ALEMANHA

Contraceção por Computador

Um novo computador médico para controlar o ciclo menstrual das mulheres foi apresentado em fins de 85 numa feira de jovens empresários de alta tecnologia, em Berlim ocidental.

Seu inventor, o ginecologista Werner Steinschulte, explicou que, para utilizá-lo basta apertar um botão: o aparelho mostra através de sinais semelhantes aos de trânsito os dias em que é e os dias em que não é possível engravidar.

O aparelho é composto de um computador que parece um despertador conectado com um termômetro elétrico que permite analisar as temperaturas da mulher durante todo o ciclo.

O computador, cuja produção é financiada pelo Senado de Berlim, conta com um indicador de horas e um alarme que toca na hora em que é necessário medir a temperatura. Bastam apenas 20 a 30 segundos para registrar a temperatura, transmitida imediatamente a um microprocessador que a armazena e processa.

Durante os dias de luz vermelha, os usuários do computador ainda são informados da possibilidade de gerar um menino ou uma menina. Em caso de gravidez, que o aparelho calcula depois de 10 dias da fecundação, o computador ainda indica o dia em que provavelmente nascerá a criança. (EFE / Fempress / ILET).

Mulherio congelado por um ano!

Com matérias cada vez mais quentes, Mulherio vai manter por um ano os preços reajustados em 15 de janeiro de 1986, que representam um aumento semestral de 50% — bem abaixo dos aumentos de papel, gráfica, composição e outros serviços necessários à produção do jornal.

Mulherio só não vai abrir mão de um aumento: o número de leitoras em 86.

Quebre o nosso gelo! Assine Mulherio.



anúncios
MULHERIO
MULHERIO
MULHERIO

Ligue para (011) 212.9052
e fale com a Regina ou
escreva para Rua Cunha
Gago 704 — 05421 São
Paulo

ASSINE MULHERIO ASSINE

Assinar **Mulherio** é bom e barato. E é a melhor maneira de você receber o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. Ou resolver aquele presente complicado, de aniversário ou Natal. É fácil. Preencha o cupom ao lado e envie, junto com um cheque nominal cruzado, para **Núcleo de Comunicações Mulherio**, Rua Cunha Gago, 704 — CEP: 05421 — São Paulo — SP. Caso você deseje fazer mais de uma assinatura, confira nossos preços especiais. Você pode também adquirir as coleções do **Mulherio**, 1ª fase (12 números) e 2ª fase (6 números).

Assinatura
(6 números)

Cz\$ 60,00

Promoção

- 2 assinaturas . Cz\$ 114,00
- 3 assinaturas . Cz\$ 162,00
- 4 assinaturas . Cz\$ 210,00
- Coleção 1ª fase Cz\$ 40,00
- Coleção 2ª fase Cz\$ 50,00

NOME	
ENDERECO	
CIDADE	
ESTADO	
CEP	
TEL.	
PROFISSÃO	IDADE

Seis mulheres à procura de uma poeta



Desenho: Carlos Clémen

Compartilhar com as leitoras do Mulherio o prazer da fruição do poema de Claudia Ribeiro foi a primeira coisa em que pensamos ao passar os olhos pela linda revista de cultura paulista, *Bissexta*, onde o descobrimos.

Partimos para localizar a poeta: soubemos que era carioca e que já publicou um livro de poemas, circuito alternativo. Que mais? Nada. E toca a procurar a Claudia Ribeiro. Chegamos a uma homônima, uma moça que é apresentadora de TV. Conversamos com seu marido e ele garantiu: "não, a Claudia Ribeiro, minha mulher, não escreve poemas eróticos".

Fica sem prévia autorização da autora. Mas segue o poema. Quem sabe a Claudia aparece. Aqui na redação, ela já tem seis fãs!

10 Mulherio

Cada mordida
derrete mais
meus ossos
cada lambida
adoça ainda os nervos
da nuca
quase machuca
e a cabeça sobe
solta
sonha
voa
alonga e nasce
cresce
e desde a mão
louça
louca ao bico do seio
ou ao ventre
ao sexo
fava vermelha
peixe açucarado falo – grito
acordo
caio
habito o ventre do desmaio e
saio
quebro o prato e trinco
cordas de seda molhada
brinco
língua dura e leve
estala
escala o falo
e vem a água doce
e quente feito um peito
venta na garganta
e canto
tudo estanca
treme
arranca
cai a perna
gira a bunda
rodam as ancas
o pau bate
como um tímpano
uma alavanca que avança e
marca
farpa no corpo inteiro-harpa
que o vento tange
e range a goiva
na vulva da noiva
e passa um gosto todo
pelo rosto
espaço exposto
gozo.

Claudia Rib

ENTRE A REJEIÇÃO E A ANDROGINIA

O MASCULINO EM BUSCA DE MODELO

Elizabeth Badinter

Nos últimos meses Elizabeth Badinter esteve em evidência no Brasil. Foi traduzido seu livro *Um Amor Conquistado*, e duas revistas da Editora Abril publicaram entrevistas suas: *Veja*, em outubro; *Claudia*, em janeiro de 86.

Na *Veja*, ela fala do homem. E foi essa sua fala sobre o homem que espantou muita gente. Para participar da discussão, *Mulherio* publica, em primeira mão, um texto seu onde discute os temas da alteração de papéis sexuais (conceito da moda), das novas tecnologias reprodutivas, do mal-estar masculino, isto é, dos temas que estão fazendo furor nos países da Europa do Oeste, e que na intimidade estão caracterizando o chamado pós-feminismo.

Enquanto Elizabeth Badinter partia da premissa de que a igualdade (legal) entre os sexos havia sido atingida nos países ocidentais, a revista *Nouvel Observateur* publicava uma matéria sobre desigualdades salariais entre homens e mulheres na França. Sua conclusão: "em 34 anos, a diferença entre os salários masculinos e femininos se reduziu de 10 pontos apenas (36% em 1950; 26% em 1984). Neste ritmo serão necessários 90 anos para suprimir a diferença. Encontro em 2075".

(Fúlvia Rosemberg)



Tanya Volpe

Elizabeth Badinter, autora de *Um Amor Conquistado*. "Agora o mal — estar é dos homens..."

As mulheres parecem ter jovialmente interiorizado a alteridade viril sem abandonarem sua identidade feminina tradicional. A ocidental do século XX é uma verdadeira criatura andrógina que recusa recalcar sua bissexualidade psíquica original. Ao mesmo tempo viril e feminina, ela muda de papel e de função segundo os momentos do dia ou os períodos da vida. Não aceitando renunciar a nada, ela combina da melhor forma possível — o que nem sempre é fácil — seus desejos femininos e masculinos. Sucessivamente passivas e ativas, mães devotadas e egoístas ambiciosas, ternas e agressivas, pacientes e autoritárias, as mulheres atuais embaralharam o jogo da identidade. Aparentemente elas são as primeiras beneficiárias, será que as únicas?

Neste período de transformações provocadas pelas mulheres, a resistência dos homens, seu mal-estar, são evidentes. A mutação e as novas exigências de suas companheiras forçam-nos a rever seu modelo tradicional. O fato de que as mulheres possam fazer tudo o que eles fazem, e que elas tenham se acaparado de seus atributos milenares, é freqüentemente vivido por eles como uma espoliação, de cuja perda não conseguem se resignar.

Presos entre o antigo modelo rejeitado pelas mulheres, e um novo modelo (o da androginia) que parecem temer, numerosos são os homens que reagem fugindo às mulheres e às responsabilidades familiares. Num certo sentido muitos parecem "regredir".

Mas a dificuldade dos homens em interiorizar a alteridade feminina e em exteriorizá-la sem complexo vem do sentimento de ameaça à sua virilidade. Dilema que não parece atingir as mulheres da mesma forma. A explicação mais convincente deste complexo masculino nos é dada pelo psicanalista americano ROBERT J. STOLLER. Contrariamente ao que Freud pensava, a identidade masculina não é nem a mais sólida nem a mais natural. Durante todo o primeiro período de sua vida, o bebê macho se identifica fortemente com sua mãe, com a qual vive em simbiose.

A heterossexualidade não é, portanto, o dado primeiro. Ela só se realiza depois de um trabalho intenso e doloroso para se livrar desta simbiose na qual ele e sua mãe se confundem. A criança homem deve se "desidentificar de sua mãe" para se livrar de sua feminilidade e desenvolver sua identidade de gênero mais tardia — a masculinidade — que, como constata STOLLER, está sempre ameaçada de modo latente pela experiência de felicidade vivida com a mãe. Daí o medo



bem mais intenso no homem, que na mulher, da bissexualidade vivida como uma ameaça de homossexualidade, isto é, de perda da virilidade.

O horizonte 2.000

A chegada do 3º milênio coincide com uma extraordinária reversão das relações de força.

Não somente o sistema patriarcal será morto e enterrado na maior parte do Ocidente industrializado, mas se assistirá ao nascimento de um novo desequilíbrio nas relações de sexo, desta vez em benefício exclusivo das mulheres.

Com efeito, se as mulheres finalmente dividem com seus companheiros o domínio do mundo exterior, criando e produzindo em condições de igualdade, elas possuirão, além disso, o domínio absoluto da procriação. Elas podem, hoje, recusar a maternidade. Amanhã graças ao banco de espermas, elas poderão gerar sem o concurso efetivo de um homem. Ora, o inverso não é verdadeiro. O homem tem sempre necessidade do corpo de uma mulher para procriar. A relação de complementaridade dos sexos que se podia imaginar incontornável, a nível da procriação é questionada. E quando se sabe que os biólogos e geneticistas prevêem, a curto prazo, a possibilidade de fecundar um núcleo feminino com uma célula fe-

minina, isto é, sem necessidade do espermatozóide, percebe-se o quanto se está próximo da realização do fantasma milenar de onipotência: a par² tenogênese, no caso feminina¹.

Mesmo que as mulheres do 3º milênio não se utilizem deste poder exorbitante, é provável que os homens sintam dolorosamente sua possível retirada do processo de fecundação e o novo desequilíbrio em seu desfavor. Os tempos que virão correm o risco de serem dificilmente vividos pelos homens. Talvez os homens vivenciem ainda mais intensamente o sentimento de perda de identidade, de especificidade e de necessidade. Não seria absurdo pensar que eles farão tudo para recuperar uma parte de seu poder. Os biólogos já prevêem a incrível possibilidade para os homens de, em menos de meio século, carregarem uma criança em seu próprio ventre. A hipótese não se situa mais no campo de ficção-científica. Ela apelará, logo, por toda uma outra reflexão sobre a relação entre os sexos, sua identidade e sua igualdade.

Encontro no 3º milênio!

1 — Nota da tradução: tai uma boa inspiração para uma versão pós-censura Nova República do "Je vous Salue Marie".

Pela tradução: F. R

Uma vasectomia pode ter como resultado uma diminuição da libido, da ereção ou da masculinidade? Ou, pelo contrário, pode aumentar a potência? Tem aí alguma coisa a ver com tesão?

A medicina já cansou de responder negativamente a estas perguntas. Mas elas continuam merecendo para cada caso uma resposta, muitas vezes positiva. Até esta: é ele quem faz e é ela quem brocha.

É que os mais temidos efeitos colaterais de esterilização masculina, que está aí em grande oferta no mercado, fogem ao campo da medicina que investiga o perfeito funcionamento fisiológico de um pênis não dedicado à reprodução. Eles florescem e descambam pelo terreno criativo, místico e conflituoso do imaginário social sobre tudo que se refira a sexo, reprodução, virilidade e amor.

Nesta matéria falam homens, mulheres, médicos e psicólogos que de alguma forma convivem com a opção.

XÔ

ESPERMATOZÓIDES

Rita Freire

Depois de alguns anos protelando a idéia de esterilizar-se, e muito pouco informado sobre como fazê-lo, o bancário Ivan Zanetti conseguiu, aos 30 anos, a sua vasectomia. E levou um susto.

Mal se livrara do suspensório que o ajudou a recuperar-se da operação, Ivan descobriu-se subitamente tomado por uma sensação de liberdade que ele mesmo preferia não admitir. "Eu sentia que ia ser cantado e paquerado por todas as mulheres. Elas de alguma forma saberiam que eu não oferecia mais perigo. E isso foi estranho. Fiquei assim algum tempo, até me certificar de que nada tinha mudado".

A mesma coisa contou Heitor dos Santos, advogado e gerente comercial que, perto dos 40 anos, resolveu esterilizar-se. Com ele nada mudou. Mas não livrou-se da sensação de que "as mulheres mudariam" com relação a ele. Estariam mais dispostas, menos "indecisas". E isso foi estimulante, ainda que não estivesse entre os objetivos da esterilização em si.

Amor?

Tanto Ivan quanto Heitor são casados. E viram na vasectomia a expressão de um ato de amor pelas companheiras, com enfoques bem diferentes. Ivan chegou a ver na esterilização uma forma de atrair a mulher, Eliana, de volta. Após três filhos — três cesarianas dramáticas — o casamento se esfacelou. A escolha da vasectomia já tinha sido feita pelo casal, mas a operação foi sempre adiada.

"Eu mesmo não sabia porquê" — lembra Ivan — "Como militante estudante, tinha todo um discurso que me impedia de admitir a idéia de estar com medo frente a uma decisão dessa natureza". Já separados, ele viu

na cirurgia uma forma de mostrar à Eliana que o casamento poderia reestruturar-se sem que ela arcasse, sozinha, com a prevenção de uma quarta gravidez.

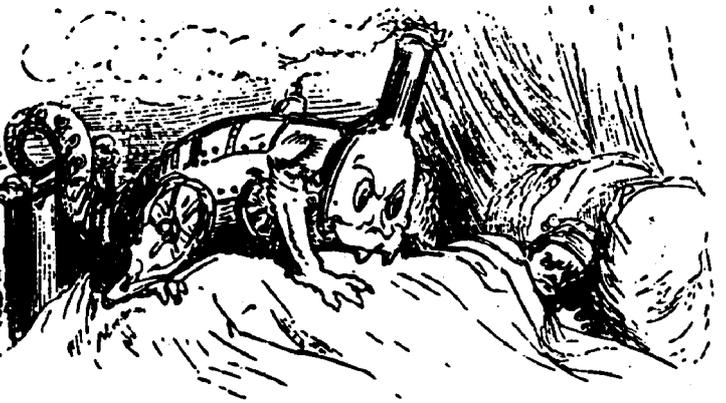
Heitor dos Santos conseguiu misturar, numa estranha dosagem de sentimento machista "assumido" e de companheirismo, as preocupações de estar sendo, a um só tempo, amoroso com Tereza, ao poupá-la da responsabilidade pela contracepção, e solidário com um eventual futuro marido dela, que, "caso eu venha a faltar terá uma esposa em condições de dar-lhe filhos". O mesmo, de qualquer forma, não valeria para uma eventual futura companheira dele. "Ela teria que conviver com isso. Minha experiência como pai de família já está realizada."

Afronta

Ainda que a idéia de uma ejaculação desprovida dos perigosos espermatozoides possa ser estimulante para homens e mulheres, essa "sensação" estranha com que um número cada vez mais assustador de homens é devolvido das clínicas de esterilização para o convívio do lar, nem sempre é de liberdade. E a reação das mulheres nem sempre é de liberação.

Acontece que a vasectomia revelou-se, entre os métodos cirúrgicos para a esterilização definitiva, o mais prático, rápido e barato, e foi incorporado com facilidade pelas clínicas que atuam sob o signo do planejamento familiar. Mas tomando como público alvo uma população menos privilegiada — econômica e culturalmente — onde o controle da natalidade é mais incentivado, estas clínicas e suas propostas de salvar os homens de novos filhos, fazem afronta a valores que estão longe de ser reformulados.

Entre estes valores, segundo a psicóloga Vera Paiva, a maternidade é uma espécie de "alicerce de resistên-



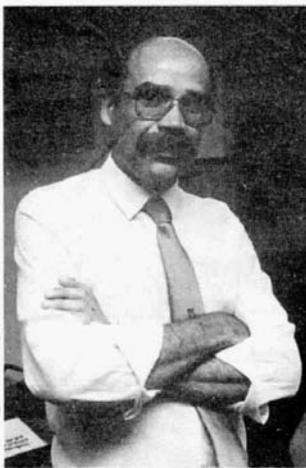
cia moral". Mas não é o único ameaçado. A contracepção sempre foi considerada como encargo feminino. Transferida ao homem, a ameaça passa a recair sobre o seu sentido de virilidade, com todos os fantasmas que possam relacionar-se com o medo de castração. Um medo que, condicionado pelo sentido de poder patriarcal, não encontra saídas para dissipar-se. "Ou seja" — diz Vera — "Cutuca-se o demônio sem permitir que ele se manifeste".

A preocupação e os fantasmas, ao pertencerem a um esquema social de valores, não são apenas masculinos. As mulheres brasileiras, como constata claramente a ginecologista Tânia das Graças, também zelam pelo "falos" de seus homens. E às vezes, mesmo que tenham maridos predispostos a esterilizar-se, mesmo que não vejam alternativa senão a esterilização para o planejamento de sua família, e mesmo que morram de medo de cirurgia, elas preferem submeter-se a uma laqueadura, bem mais cara, e muito mais agressiva ao organismo.

Acostumada a lidar com o drama do "não quero mais ter filhos mas vivo esquecendo de tomar a pílula", Tânia das Graças percebe que, em muitos casos, a opção pela laqueadura ainda se reveste de um certo status junto à vizinhança, que sabe reconhecer um bom marido quando ele não mede esforços e arca com todas as despesas para que a mulher faça a operação.

Por baixo do pano

No mesmo rastro da associação entre capacidade de reprodução e virilidade, algumas mulheres muito bem informadas, que se diziam racionalmente favoráveis à esterilização masculina — entre os depoimentos colhidos para base desta matéria — admitiram rejeitar emocionalmente a idéia. Uma jornalista, de 30 anos, confessou ter perdido totalmente o tesão por um novo namorado quando descobriu que ele tinha sido vasectomizado. Uma arquiteta, de 28 anos, usou a palavra "asco" para descrever



Daniel Augusto Jr. / Agência F 4

Heitor e Ivan, menos (?) perigosos



o que sentiu quando um colega de trabalho tentou usar a própria esterilidade como trunfo de sedução. E um número incontável de homens favoráveis à esterilização disseram não arriscar-se pessoalmente pelo medo de prejudicar a potência.

Estes dados, curiosamente, só puderam ser colhidos em "off", ou seja, por baixo do pano. Mas são eles que, de forma tímida, irônica ou desconfiada, se transformam em perguntas em qualquer consultório, qualquer clínica, ou qualquer discussão mais séria da esterilização masculina, como asseguram os profissionais (médicos e psicólogos) entrevistados. Uma vasectomia pode ter como resultado uma diminuição da libido, da ereção

ou da masculinidade? Ou, pelo contrário, pode aumentar a potência?

Para quarentões

A vasectomia é coisa deste século. E nas suas origens apresenta justificativas para que a esterilização e a fertilidade masculina continuem sendo relacionadas com potência e libido. O médico gastroenterologista José A. J. Trajber garante que a operação foi criada e desenvolvida como fruto de pesquisas clínicas voltadas a apresentar soluções para o aumento da potência no homem que já ultrapassou a casa dos quarenta anos. A esterilização seria mera consequência.

Mas supondo-se que os pacientes potenciais estariam entre aqueles já realizados em sua paternidade, não seria uma consequência drástica, e, sim, opcional. A esterilização, porém, foi a única a confirmar sua eficácia. Os vestígios de que houvesse, em decorrência, alguma alteração na potência, ficaram por conta de um entendimento psicológico, onde os resultados negativos, ou seja, a diminuição, estão incluídos, não em menor escala.

José Trajber, é, ele mesmo, vasectomizado, há quinze anos. Mas para quem se apresenta no consultório com algum receio de origem psicológica, ele prefere não concordar com a cirurgia. "Esses é melhor não fazer".

Heitor dos Santos ouviu a mesma coisa de seu médico, que ilustrou o perigo que correm os menos avisados, com um caso: "Algum tempo depois de esterilizar-se, um cliente percebeu, não ser a primeira vez que a ereção diminuía em hora imprópria. Teria sido a vasectomia? Foi o bastante para que, na próxima vez, pensando nisso, nem conseguisse a ereção. Apavorado, só um tratamento psicológico pôde ajudá-lo a recuperar a potência. "Então, se você não estiver bem preparado, não faça" — disse o médico.

Chacotas

O jornalista Sérgio Dias, de 29 anos, e sua mulher, Eliana, se consideram um dos muitos casos saudáveis de casais que escolheram conscientemente a esterilização masculina e se deram bem com ela. Não queriam mais ter filhos. Eliana já tinha enfrentado duas cesarianas e não se animava com a ideia de outra cirurgia

para uma eventual laqueadura. Também não concordavam que fosse um método seguro. E como a pílula produzisse efeitos colaterais, a escolha recaiu, sem traumas, sobre a vasectomia.

Como alvo de chacotas, Sérgio não foi poupado nem na mesa de operação. Ao sentir o "repucho" característico da incisão que é feita no canal por onde corre o espermatozói — descrita geralmente como uma "bolada no saco" — teve também que enfrentar o diálogo entre médico e anestesista sobre como poderiam ser cortado o canal errado, entre frases do tipo: "Esse nunca mais levanta".

Sérgio era assessor de um clube de futebol e, livrando-se das perguntas sobre a decisão de esterilizar-se, deixou para falar aos colegas de trabalho na última hora: "Espera aí, pessoal, que eu vou fazer uma vasectomia e já volto." Fechou a porta atrás de si e saiu.

A incisão foi feita pelo médico do clube, nas instalações do vestiário. Sérgio mesmo raspou os pelos pubianos, assistiu tranquilamente à operação, tomou uma injeção de glicose para equilibrar o açúcar no sangue e recuperar-se mais rapidamente, e voltou ao trabalho. E ali, ante a cobrança geral, teve de novo que baixar as calças e mostrar que "não tinham cortado nada fora".

Como saber?

A falta de informações a nível público é queixa geral nos depoimentos colhidos. Ou seja, enquanto inúmeros cidadãos de baixa renda são abertamente cooptados nas fábricas e bairros periféricos por assistentes sociais que surgem do nada, oferecendo esta solução mágica, segura e barata para o planejamento familiar, muitos outros homens, geralmente de classe média, que se dispõem por conta própria e de forma consciente a esterilizar-se, reclamam da falta de uma discussão aberta que elimine os tabus em torno do assunto.

Na imaginação do bancário Ivan Zanetti, por exemplo, uma cirurgia que pudesse deixar o homem impedido de procriar parecia coisa do outro mundo fele pensava na Índia, onde em filas imensas, homens eram levados a trocar sua fertilidade por um radinho de pilha ou um guarda-chuva — símbolo do status colonizador britânico.

Saber mais deu muito trabalho

Tanto que ao abordar o único exemplar masculino vasectomizado que encontrara — um colega de profissão — tentando falar da cirurgia que queria fazer, acabou falando sozinho. O outro desconversou. Não queria que a sua esterilidade se tornasse pública.

"A maioria das pessoas sabia tanto quanto eu". E o que Ivan julgava saber era uma curiosidade — e muito corriqueira — distorção do processo usado para esterilizar: "As pessoas me diziam que o homem vasectomizado tinha orgasmo sem ter ejaculação".

O que é

A vasectomia é uma operação simples. Existem dois canais chamados ductos deferentes, portadores do espermatozói entre o testículo e a vesícula seminal. Estes canais são seccionados e amarrados com dois pontos feitos com fio de algodão, seda, nylon ou outro material. Assim retido, o espermatozói deixa de se juntar aos demais elementos do esperma (que é expelido normalmente) e é absorvido pelo organismo.

Uma reversão, bem mais complicada, só pode ser feita através de microcirurgia. Mas não tem êxito garantido. As tentativas acabam sendo sempre dramáticas porque, para todos os efeitos, uma esterilização deve ser considerada como definitiva.

Conhecedor de alguns casos de arrependimento, em que uma nova paixão, um novo casamento, a perda de um filho ou qualquer episódio inesperado que revolucione a vida pessoal tenha levado um homem, mesmo em idade avançada, a desejar novamente ser pai, o médico José Trajber estabelece critérios rigorosos para aceitar um cliente que queira esterilizar-se. Deve ser casado, com mais de dois filhos e, pelo menos, 40 anos de idade. A ideia de não ter mais filhos deve ser uma escolha do casal. A mulher, portanto, tem que estar presente, no consultório, na hora da decisão.

O médico Leo Vilarim, especialista em medicina esportiva e diretor do hospital Paulistânea, adota critérios mais elásticos quando um cliente deseja a vasectomia. Mas nunca dispensa uma conversa demorada que o certifique da segurança do cliente na escolha. "Um planejamento familiar, em termos de quando e quantos filhos quero ter, é sempre difícil. Os filhos vêm de surpresa. E a pessoa pensa no assunto na hora de parar. Foi o que aconteceu comigo até decidir pela esterilização. Nesta escolha, porém, não podem restar dúvidas".



(FANTASMAS E FANTASIAS) IDENTIDADE AMEAÇADA

A idéia de esterilização e toda a carga de fantasmas que colocam homens e mulheres contra a parede na hora de planejar ou descartar a reprodução, são quase inseparáveis da consciência que cada um tem de si mesmo. O psicanalista Luiz Meyer, experimentado nos dramas familiares diante da contracepção, acredita que os planejadores que propõem o controle da natalidade como um todo para o meio social perdem a dimensão da realidade. "Porque se trata da realidade interna das pessoas".

Ele analisa o medo da impotência ou a sua ocorrência real após uma esterilização como transformação de problemas, na verdade, relacionadas com a identidade de cada um. "Você pode estar decidido a não ter mais filhos, pode estar preparado para uma cirurgia, mas pode não estar nem um pouco preparado para a perda de um elemento da sua identidade, o elemento reprodutor".

E o mesmo vale para alguns aspectos da identidade, eventualmente camuflados, reprimidos ou neutralizados, que passam a liberar-se. E que podem surpreender. Um homem que julga, de uma hora para outra, "não oferecer (ou correr) mais perigos", segundo Meyer, pode entrar em contato com fantasias até então bem guardadas e protegidas pelo que, antes, era considerado perigoso. A reação é a de cada um. Sentir-se o máximo? Descobrir-se vulnerável aos ataques sexuais? Entrar em pânico?

Outro aspecto da identidade que torna singular a esterilização masculina é que, ao criar uma espécie de menarca (menopausa feminina), o homem rompe com uma possibilidade de reprodução que nele — exclusividade dele — é naturalmente vitalícia.

A identidade do casal, enquanto casal que pode ou não reproduzir-se, também deve ser respeitada. "A esterilização pode até contribuir para acentuar essa identidade, representando um marco na relação, o momento em que a família se considerou bem formada e disposta a não ampliar-se mais. Não sendo isto, pode representar o perigo de desagregação" — diz Luiz Meyer.

Transcendência

Em tudo isso a idéia do prazer desvinculada da idéia de reprodução é conflitiva. "Não se pode desvinculá-las de modo geral," diz a psicóloga (junguiana) Vera Paiva, "porque elas não estão culturalmente desvinculadas. E a cultura, quando absorvida pela psique também é natureza."

O momento em que um número crescente de homens liberta-se desses fantasmas e faz a "escolha" de desvincular prazer e reprodução, permitindo uma mudança definitiva no seu próprio corpo, é para Vera um momento de "transcendência da cultura", em que homens e mulheres recuperam valores até hoje reprimidos e mantidos à sombra.

Vera Paiva vai mais longe, ao invocar arquétipos que estariam encobertos pela memória humana e que hoje começam a ser reincorporados de forma manifesta. Atualmente trabalhando em uma tese de mestrado sobre identidade feminina e contracepção, Vera cita o mito da Lilith, aquela que teria sido a primeira — e insubmissa — mulher de Adão, ou seja, a primeira manifestação do feminino na memória da existência humana, mantida na sombra como arquétipo demoníaco.

Lilith é demoníaca por invocar a igualdade entre homens e mulheres, por representar a castração ao negar-se à dominação masculina, e por presidir, como demoníacos, conceitos ligados à contracepção.

Essa tipificação do feminino vem sendo, segundo Vera, resgatada por homens e mulheres na luta por igualdade, na reformulação e transcendência da cultura e, sobretudo, na transformação dos valores relacionados com sexo, reprodução e prazer.

Essa transcendência, porém, não pode ser imposta. Seu processo tem que permitir que demônios e fantasmas relacionados ao sexo e à distinção dos sexos "tenham espaço para sair, manifestar-se, incorporar-se de forma criativa à cultura". E só assim, como diz Vera, "desdemonizar-se". (R.F.)



Vera Paiva
"incorporar os demônios"

Justo Jr. / Agência F-4



Luiz Meyer
"afrota à identidade"

Maurício Simeonetti / Agência F-4

CLÍNICAS, ATRÁS DE VOLUNTÁRIOS

(DESPREVENIDOS, DESPROTEGIDOS, DESAVISADOS E DESESPERADOS...)

Apresentando-se como geógrafo, (que é o repórter Mouzar Benedito, pediu uma consulta na clínica "Pró-Pater" (Rua Marquês de Paranaguá, 359 São Paulo) que o esclarecesse sobre como fazer uma vasectomia.

— "Detesto crianças" — foi o argumento mais convincente que pode encontrar. E se isso fosse verdade, poderia até ser pensado em concordar com a cirurgia porque, no atendimento "não havia nada errado com eles".

Mouzar passou por uma assistente social e por um médico. Não precisou de encaminhamento psicológico por se mostrar bastante seguro e esclarecido. Saiu de lá com um número — 13348 — e uma classificação: "indeciso". Um cartão e uma recomendação: se um dia quiser a cirurgia, é só voltar e fazer. Munido do cartão com o número, novas consultas serão dispensadas.

Atuando em São Paulo desde 1980, a Pró-Pater, entidade sem fins lucrativos, realiza aproximadamente quatro mil esterilizações por ano, graças a uma ajuda de mais de 200 mil dólares, canalizados pela Associação de Esterilização Voluntária (Nova Iorque), através da AID — Agência de Desenvolvimento Internacional. Seu diretor, Marcos Paulo de Castro, a considera — orgulhosamente — uma das maiores, se não a maior, clínica de vasectomia do mundo. Mas, com a diferença de ser destinada a uma clientela exclusivamente masculina, ela é apenas uma entre incontáveis clínicas de esterilização no Brasil, subvencionadas por entidades internacionais para promover o controle da natalidade no país.

Com capacidade para atender, apenas em São Paulo, 70% da população (conforme levantamento feito pela demógrafa Elza Berquó) essas clínicas mantêm, no atendimento ao homem, uma complexa rede de emissários treinados, a cooptar voluntários nos locais de maior concentração masculina entre a população de baixa renda. Isso, sem considerar que a esterilização, como escolha pessoal, não é uma oferta exclusiva das tais organizações.

Uma vasectomia pode ser encaminhada nas consultas do Inamps, ainda que por baixo do pano e paga por fora, já que o Estado não banca, não assume, mas fecha os olhos a tudo que se refira à aplicação desses métodos. Pode ainda ser feita, via particular, por médicos não conveniados, ou ser encontrada, nos convênios com empresas ou fundações, entre aquelas relacionadas com cirurgias de caráter "estético e embelezador" (também pagas por fora).

E no entanto, a vasectomia — como a laqueadura, ou qualquer cirurgia esterilizante — é ilegal.

No código penal

Trata-se de uma fato pouco conhecido. Mas determinante para que o governo, de um lado, não seja responsabilizado pela existência de uma política de controle da natalidade. E que a sociedade, de outro lado, fique da mão atada para fiscalizar ou denunciar a sua aplicação.

Qualquer ação cirúrgica que resulte em "debilidade permanente de membro, sentido ou função" (§ 1º/II) ou "perda ou inutilização de membro, sentido ou função" (§ 2º/II), participa do código penal (artigo 129) como crime passível de reclusão entre um e oito anos.

Denunciar, com base na lei, a ação das clínicas que indiscriminadamente funcionam como instrumento de esterilização em massa, significa, para a sociedade, denunciar e pôr em risco a única estrutura com que conta a população na busca de atendimento para a contracepção (contradição semelhante à que impede uma fiscalização no atendimento duvidoso das clínicas de aborto).

No Estado de São Paulo, por exemplo, uma política integrada de saúde que permita o acesso democrático ao planejamento familiar (mesmo assim restringindo-se a pílulas, DIUs, diafragmas e camisinhas) apenas começa a engatinhar, na política de assistência à mulher coordenada por Ana Aratangi, da Secretaria de Saúde. As cirurgias estão fora. A fiscalização na ação das clínicas não está prevista no programa. E a mesma contradição legal (em cuja elasticidade se assenta o emprego e a atividade de grande parte dos médicos paulistas) impede o CRM — Conselho Regional de Medicina — de agir. Em outras palavras, o CRM, como instrumento social, só age em caso de denúncia. Mas quem denuncia?

Publicidade

Liberadas para agir, e descobrindo na população masculina um alvo eficaz para a aplicação do controle da natalidade, as clínicas de esterilização conquistaram uma sustentação tão complexa e difícil de esfalçar, que mesmo a reserva ética, a nível de divulgação dos serviços oferecidos, começa a quebrar-se.

Hoje, um leitor de classe média pode abrir sua revista semanal e encontrar, entre anúncios de primeira qualidade, um chamamento a essa "prova de amor" que é escolher a vasectomia para evitar um crescimento indesejado da família. E o caso do anúncio da "Pró-Pater", publicado em algumas edições de revista "Veja" e endereçado àqueles que amam suas

esposas e já tiveram os filhos que querem.

Já candidato aos prêmios de criação publicitária de 1986, um comercial polêmico, intitulado "O Direito de Não Nascer", começa a ir ao ar nas redes de televisão da Bahia, encaminhando o telespectador a procurar recursos de toda ordem no Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana.

"Recursos de toda ordem" tem sido uma expressão incorporada com desenvoltura pelos diversos discursos que incentivam a prática controlista no país. Mas chega a tornar absurdamente insólita a legislação brasileira que criminaliza as cirurgias, quando passa a incorporar-se ao discurso do poder público. Ricardo Veronesi, secretário municipal da Saúde no governo Jânio Quadros (pró-controle da natalidade), explicita que no seu programa de planejamento familiar utilizará todos os recursos que a medicina e a ciência possam oferecer. Entre eles, a prática e descomplicada vasectomia.

As vítimas

Quando o Conselho Estadual da Condição Feminina de S. Paulo se dispôs a realizar um levantamento junto às clínicas de esterilização para encaminhar o material de denúncia ao secretário estadual da Saúde, José Yunes, suas pesquisadoras, em frequentes visitas, foram tomadas por assistentes sociais. E a confusão não foi casual.

Como constatou o CECF, um número considerável de assistentes sociais funciona hoje como elo na complexa rede de intercâmbio entre clínica/clínica, clínica, fábricas e clínicas/voluntários. Altamente treinados, estes profissionais são portadores do elaborado discurso que, no final da linha (palestras, cursos e aulas promovidos nas empresas e na periferia), fará da possibilidade de esterilização, a panacéia, a salvação. E em seu apoio, algumas fábricas oferecem, além do pagamento da cirurgia aos funcionários, também o transporte gratuito aos interessados no dia da operação.

A mensagem não é a mesma para homens e mulheres, como constata Sara Sorrentino, do CECF. Para estas, a cirurgia deve significar "o avanço, a liberdade, o status". E há sempre a preocupação de se barrar uma esterilização mal decidida. "Por ser mulher, ela é considerada uma paciente insegura, frágil, confusa, influenciada pelo relacionamento no bairro e com as amigas".

Com os homens, o problema desaparece. O procedimento é mais simples. Trata-se de convencê-lo da não



O silêncio começa a quebrar-se (anúncio publicado na Revista Veja, em outubro de 1986)



Orgulhosamente, a maior

alteração de sua potência sexual. O medo do arrependimento, o drama pessoal de não mais entender-se como elemento reprodutor, são estrategicamente excluídos do temário das palestras e aulas.

O homem parece ser considerado como aquele que sabe o que faz e que, portanto, assumirá depois o peso da decisão. O conteúdo dos cartazes, folhetos, albums seriados, e slides dirigidos aos homens, sempre alertam para a responsabilidade de provedor perante a família e a sociedade e a participação na educação e formação dos filhos.

E o que acontece com a imensa maioria dos clientes vasectomizados, é que dificilmente voltam. Nem mesmo para submeter-se ao espermograma, exame obrigatório para confirmar ou não o êxito da cirurgia.

Quanto aos homens, até hoje, no Brasil, foram contemplados com a vasectomia, não se pode saber. Poucas tentativas de levantamento (mesmo assim regionais) foram feitas. O trabalho mais sério, realizado pela demógrafa Elza Berquó, apontou a cidade de Rio Claro como uma das mais esterilizadas do mundo. Lá, nada menos que 44,4% da população de casais são hoje estérteis. Desse contingente, participam 10,2% da população masculina, homens vasectomizados a partir dos 20 anos. (R.F.).

CONSTITUINTE. CONSTITUINTE. CONSTITUINTE.

Apesar das freqüentes queixas e críticas dirigidas aos partidos políticos em geral, impermeáveis às questões e candidaturas femininas, as mulheres vêm discutindo em todo o país os direitos a serem conquistados na próxima Constituição.

Mulherio vem recebendo inúmeras sugestões de temas a debater no próximo período: maternidade, trabalho doméstico, exercício da sexualidade, enfim, tudo que afete a vida das mulheres.

Neste número tratamos de três temas bastante intrincados entre si: a polêmica liberalização do aborto, uma visão de Emir Sader dos direitos do corpo e dos direitos à propriedade da terra e ainda uma contribuição de Florisa Verucci, que faz parte da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, a respeito das mudanças a propor no texto constitucional sobre a família.

Esperamos que os textos publicados contribuam para o debate. E ainda, pedimos a nossas leitoras e leitores que escrevam, relatem suas discussões e suas sugestões.

Animo, moçada!

CONSTITUINTE.

Vamos batalhar esse debate

ABORTO: ALTO RISCO NA CONSTITUINTE

De todos os debates relacionados com a questão feminina na futura Constituição, o mais polêmico, seguramente, é o do aborto. Antiga reivindicação das mulheres, a legalização do aborto cada vez mais assume dimensões ditas "ideológicas", ganhando sempre contornos que por mais apelativos que sejam (lembra-se do Grito Silencioso?) são incapazes

de responder aos dramas vividos anualmente por cerca de 3 milhões de brasileiros obrigados a recorrer a curiosas, profissionais inescrupulosos, passando riscos de vida, humilhações, enfim...

Para o movimento de mulheres no Brasil, o aborto tem sido preferencialmente tratado como uma questão de saúde da mulher. Reconhecidas as dificuldades de acesso à contracepção e sua falibilidade, considera-se o

aborto um mal necessário para interromper gravidez não desejada. Uma questão de saúde, uma vez que o objetivo de legalizar a prática do aborto não se desvincula de uma política global de direitos reprodutivos, onde o

que se quer é exatamente reduzir o número de abortos praticados.

Mudança no Código Penal

Situar o debate nesse terreno é difícil. Fechando os olhos ao número escandaloso de seqüelas e mesmo morte por abortos praticados na ilegalidade, forças de direita em geral (mas também de esquerda) e sobretudo a Igreja Católica vêm promovendo uma campanha contrária à legalização do aborto ou mesmo à regulamentação dos casos permitidos por lei (estupro e perigo de vida para a mãe).

De todo jeito, o aborto hoje é matéria do Código Penal. Nada existe na Constituição brasileira que recrimine sua prática. Ou seja, bastaria mexer no Código Penal para legalizar o aborto, sem mexer numa só linha da atual Constituição.

"Mas é preciso mexer sim, afirma Rachel Gutiérrez, autora de O Feminismo é um Humanismo, se não tratarmos da questão do aborto nesse período, quando é que vamos tratar? Nunca? De todo jeito, acho que é precipitado falar em legalização do abor-

to. Devemos garantir na Constituição que ele seja despenalizado."

"Não se deve nem levantar a lebre do aborto na Constituição — rebate Florisa Verucci, membro da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, formada a partir da iniciativa do Presidente Sarney. Acontece que no Brasil ainda não há condições de legalizar o aborto. Esta é uma luta nossa para muito tempo".

Florisa acredita que se houver alguma tentativa de colocar qualquer medida liberalizante no texto constitucional, "seremos brindadas com um inciso que proíba de vez a prática do aborto. Sabemos que há interesse da Igreja em colocar essa proibição na Constituição. Não seremos nós a dar o motivo".

"Com a proibição mantida ao nível do Código Penal, fica mais fácil pensar numa alteração. Agora os mecanismos de mudar o texto da próxima Constituição são complicadíssimos. Já no Código Penal, depende apenas de ações do Legislativo. E o mandato parlamentar, afinal, é de quatro anos".

Florisa conta que na própria Comissão de Estudos Constitucionais, ela

propôs a mudança de um inciso que se referia ao Direito à Vida, com medo de que essa expressão (tão cara aos antiabortionistas no mundo inteiro) fosse aproveitada para uma interpretação antiaborto. Ao invés, então, de direito à vida, fala-se no direito à existência digna.

Direito Democrático

Já o autor do projeto de lei nº 5.456 de 1985 que dispõe sobre a não punição de aborto praticado por médico com o consentimento da gestante, na Câmara dos Deputados, José Genoíno Neto (PT-SP) acredita que "se não for enfrentado o debate político sobre o aborto no momento da Constituinte, ou seja, um momento de ampla discussão nacional de todos os temas, não se abrirá, sequer, a possibilidade de alterar o Código Penal".

"O argumento legal que fala do perigo de um retrocesso na Constituição e das dificuldades de alterá-la depois é muito forte, sem dúvida. Mas não podemos nos esquecer de que haverá a possibilidade de recorrer a plebiscito em caso de uma emenda ser recusada por um terço do Con-

gresso, e também devemos nos preocupar em que os trabalhos constitucionais deverão ter a preocupação de traduzir a vida concreta das pessoas. O direito ao aborto, portanto, deve constar de um capítulo como, por exemplo, de direitos humanos ou mesmo de Direitos da Reprodução, como sugerem algumas feministas".

"Sabe-se que a Igreja vai cobrar posicionamentos dos constituintes sobre aborto e, quem for favorável à sua legalização, será incluído num index eleitoral da Igreja. Hoje, depois de tanta discussão sobre o assunto eu sinto que o tabu já não é tão forte. O aborto é um direito democrático, que diz respeito à consciência das pessoas, elas é que têm que decidir. Se ainda não for possível quebrar o tabu, ao menos conseguiremos ampliar o debate." (E.L.)



MINHA TERRA, MEU CORPO

Emir Sader

Na peça de Brecht "Diálogo de Exilados", um destes convence o outro de que, na situação de exílio, mais importante que a pessoa é o passaporte. Tanto assim que a pessoa pode ser falsa, o passaporte não.

Espelha-se assim a disjuntiva que se tornou central no capitalismo entre o ser e o ter, o sujeito e a coisa, tipicamente invertidas pelas relações de mercado, em que uma coisa se transmite na outra, mudando radicalmente o sinal de tudo. Os homens passam a ter que se amoldar aos orçamentos, a sociedade deve ser construída à imagem e semelhança do capital, os homens ficam dependentes dos passaportes.

A hora da Constituinte só será boa se puder contribuir para que o maior número possível de pessoas, pelo menos, se perguntem pelo *porquê* das coisas. Por que mandam os que mandam? Com que direito? Com quem? Contra quem? Até quando?

Quem não quiser falar do poder, que não se meta no debate constituinte, porque as esferas do direito e do dever têm tudo que ver com o poder. Poder nos seus dois sentidos: o

do eu *posso* (do verbo *can*, no inglês) e o do *posso*? (do verbo *may*). No primeiro, mostro força; no segundo peço licença para fazer. No primeiro, imponho; no segundo, busco consenso, legitimidade, representação.

Aliás, quem até hoje soube mais que quaisquer outros do poder, já está na rua, nos leilões de gado, nas Suíças, onde seja buscando as formas de garantir seus direitos de propriedade, em primeiro lugar. A reação e os recuos respectivos em relação à reforma agrária, demonstraram como os barões de terra ainda têm poder no Brasil profundo, tão exótico e pujante no Globo Rural, mas tão violento e feio no bico do papagaio.

Se o direito à terra for modificado e ganhar um caráter social, não muda no país apenas a estrutura da terra e a vida nos campos: muda o Brasil inteiro, da violência urbana ao desemprego, da fome à morte de 45 crianças por hora de desnutrição. Por isso a frente tão cerrada para defender o direito (deles) à terra.

Um direito que é da esfera do *ter*, uma propriedade de que a pessoa se apropria — neste caso, pelo trabalho

do outro, que por sua vez tem sua capacidade de trabalho expropriada. A terra, que deveria ser objeto de apropriação para a vida, se torna *propriedade*, com toda a conotação jurídica que adquire. E a estrutura de propriedade da terra termina impondo o reino da morte nos campos brasileiros, de fonte de vida se transforma em fonte de miséria, sofrimento e morte.

Ao expropriar o trabalhador, o capitalismo expropria, ao mesmo tempo, seu corpo. De *meu* corpo, parte inseparável de meu ser, o capitalismo o transforma em fonte de criação de riqueza alheia, disciplinando pelas cadências e ritmos da cadeia de produções, submetido aos trajetos mecânicos e sofridos da casa ao trabalho, meu corpo transformado em objeto alheio, do qual o único que espero é que tenha as energias para o trabalho no dia seguinte e que me propicie a

menor quantidade de dor possível, que não adoça, que se reproduza, se possível.

O corpo é um instrumento para a sobrevida, não é a vida. E aí se um acidente ou outra circunstância te tira do mercado de trabalho, pelo defeito físico, psíquico ou finalmente a velhice (que não é um dado biológico, mas é determinada pelos critérios do mercado de trabalho). Aí estão os asilos, os reformatórios, todas as instituições fechadas, para recordar-nos o horror de não ser ninguém no jogo da oferta e da procura.

O direito à terra é claro, e os senhores barões de terra aí estão para recordá-lo. Mas e o direito ao corpo? A expropriação da terra é uma ameaça ao núcleo fundamental do sistema estabelecido. Mas e a expropriação do corpo?

O direito à vida e o direito ao próprio corpo: vitais e indissolúveis ambos. Se a questão da terra, sua propriedade ou apropriação será central na constituição, por que não o direito à vida? Por que a terra sim, a propriedade sim e o corpo, a vida, não?

Por que a defesa da natureza entendida como contraposta à história, à civilização, e não o direito à natureza humana? Que ecologia é essa? Se ela é defesa da natureza contra o homem, seria um retrocesso aos irracionalismos, um anti-humanismo, ao invés da cara que queira se dar.

Triste do país que tem que inscrever o direito à vida, ao corpo na Constituição. Triste o país que tem que condenar por lei o golpe militar e a tortura. Triste mas real.

Um sistema que expropria no seu núcleo econômico o direito ao corpo, que lhe expropria o direito ao prazer e

o reduz a uma máquina de produção e reprodução impõe a defesa do corpo e da vida como forma de resistência.

Hoje a defesa da vida está no coração, mesmo da luta pela democracia de diferentes maneiras: na luta pela garantia das condições mínimas de sobrevivência para todos, como prioridade primeira; na luta pelo direito a dispor do próprio corpo, incluindo obrigatoriamente o direito ao aborto; na luta contra a violência urbana e rural, em suas causas e suas múltiplas formas; na luta para garantir a vida dos milhões de crianças e adolescentes carentes, abandonados e infratores.

Pelo direito à vida, de todos para todos. Na Constituição e na vida real.

Emir Sader é professor de Política na Universidade de São Paulo e é assessor da FEGEM/SP

Cidadania plena

Florisia Verucci

Ao lado das afirmações de igualdade de direitos nos textos constitucionais, existem leis ordinárias que acolhem abertamente o preconceito da inferioridade da mulher.

No direito penal, no direito trabalhista, no direito tributário, e na aplicação dessas legislações, existem ainda muitas discrepâncias desfavoráveis à mulher.

Além das diferenças originadas na lei, há também o fenômeno da má ou inexistente aplicação da lei. Isto é, leis igualitárias deixam de ser aplicadas pela força dos costumes, pela mentalidade retrógrada das forças dominantes numa determinada comunidade ou, simplesmente, pela falta de informação. Se o povo brasileiro, de um modo geral e as mulheres brasileiras, em particular, tivessem acesso à informação, aumentaria a possibilidade de se invocar a lei e de se recorrer ao Poder Judiciário todas as vezes que tivessem seus direitos burlados ou ameaçados. Mas isso, evidentemente, mesmo com toda a reforma dos Códigos atuais, e com a necessária reforma do sistema judiciário, só ocorrerá através de um processo de educação e informação e do efetivo desenvolvimento econômico e social do país.

Por isso, quando se coloca a questão da Nova Constituição, é preciso ter uma visão realista da questão. O que vem ocorrendo é uma verdadeira mitificação da Constituinte e da Constituição, como se elas fossem a panaceia universal para todos os males. É muito importante hoje o papel que esse momento constituinte pode desempenhar sob o ponto de vista político e jurídico. Na verdade, não houve ruptura do sistema político e

ou econômico que justificasse uma nova Constituição, mas a vontade do povo e a necessidade de se expurgar do texto magno todos os princípios do governo autoritário-militar que nos regeu a partir de 64, trouxe oportunamente às ruas o debate e a vontade de participação de toda a nação. Isto é altamente positivo e uma oportunidade para que toda a população procure entender não só esse processo político de renovação, mas também o que é uma Constituição e como ela pode ser elaborada de modo a atender aos anseios da nação nesta fase de transição.

A Comissão de Estudos Constitucionais nomeada pelo presidente Sarney na esteira da proposta do presidente Tancredo Neves procurará apresentar um esboço de anteprojeto bem elaborado, produto não somente dos estudos de seus membros mas também das propostas, sugestões e reivindicações que estão chegando de todos os cantos do país para essa comissão.

No início de seus trabalhos o plenário colocou e aprovou a proposta de fazer a Comissão aberta à sociedade civil e é assim que está operando. Essa Comissão do Executivo não é uma pré-constituinte. Se o fosse, deveria obviamente ser representativa de todos os segmentos da sociedade, mas não é e não faria sentido uma pré-constituinte. Representativa terá que ser a Assembléia Constituinte, é evidente. E todos os cidadãos e cidadãs deveriam estar hoje empenhados em debater e influir no processo de eleição de seus representantes nessa Assembléia. Esse voto será de uma importância e é ele que vai definir a representatividade da Assembléia Constituinte. Aí deve se dar a grande luta para impedir os processos eleito-

reiros, os fraudulentos, as coações econômicas e outras.

A Comissão de Estudos Constitucionais apresentará seu esboço de anteprojeto juntamente com todo o material constitucional que lhe chegar às mãos, devidamente sistematizado para que a Assembléia Constituinte os aproveite ou não em seus trabalhos. A Assembléia receberá outros ante-projetos, projetos, sugestões, enfim todo um material que somente ela, a Constituinte, terá poder de julgar. A Constituinte é soberana.

O que parece evidente é que a Nova Constituição deverá ser a mais simples e sucinta possível. Deve conter os princípios da organização do Estado, das relações entre o Estado e os indivíduos. A defesa dos direitos individuais é fundamental, como é fundamental a divisão de forças entre os poderes executivo, legislativo e judiciário. A evolução da tecnologia e da ciência exige atenção. Ela terá que ser redigida de forma a ficar bem claro o caminho de sua regulamentação pelas leis ordinárias. A meu ver um campo de luta tão importante quanto a Constituição é o das leis ordinárias, sem a qual a Constituição não tem eficácia.

Voltando ao interesse da mulher, creio que a Nova Constituição deverá expressar de forma mais adequada o princípio da isonomia, isto é, da igualdade de sexos, raças, credos políticos, religiosos, etc. Hoje está contido num único artigo, o 153. Creio que cada uma das categorias referidas deverá contar com um artigo próprio, redigido de modo a motivar a lei ordinária punitiva de sua transgressão.

Creio que a Nova Constituição deverá ter um título próprio para a família, o casamento, a filiação e a proteção ao menor e ao idoso, criando

princípios específicos de igualdade não somente entre o homem e a mulher mas também entre os filhos, independente de sua origem de filiação. Hoje, o filho incestuoso não pode sequer ser registrado quando nasce.

O próprio conceito de família, vinculado ao casamento, como está formulado na Constituição vigente, terá que ser revisto diante da realidade social brasileira em que o concubinato disputa com o casamento os foros de proteção do Estado.

No capítulo do trabalho a mulher deve ser aquinhoadada com uma igualdade não só nos salários mas também no acesso às profissões e aos cargos de decisão e chefia.

A maternidade tem que ser reconhecida como *função social* e não como ônus pessoal da mulher, dando-lhe direito à proteção, à licença remunerada por gravidez e puerpério, aos serviços de creches e jardins de infância; o planejamento familiar deve ser um direito exclusivo dos casais ou dos indivíduos, vedada qualquer coação dos poderes públicos, e incluir a educação e a informação necessárias ao exercício desse direito.

Na medida em que a Constituição enquanto tal for decididamente adequada à realidade do país e contiver princípios que sirvam para nortear a nação no terceiro milênio que vem aí, se as garantias e direitos individuais forem para valer, a mulher, naturalmente, poderá alcançar sua plena capacidade civil e jurídica. Caso contrário, mesmo contendo belos princípios, sua regulamentação pela lei ordinária e a eficácia dessa lei estarão impedidos de vigorar.

Florisia Verucci é advogada, assessora para Assuntos de Mulher do Ministério da Cultura e integra a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais.



Pérola do MR-8

Com o sugestivo título de "Os Sindicatos e o Movimento Feminino", o Movimento Revolucionário (sic) 8 de outubro lançou em janeiro passado, no I Congresso da Mulher Trabalhadora promovido pela CONCLAT, um folheto que é uma verdadeira pérola da historiografia militante deste nosso passado tão recente.

Algumas frases que iscamos dão bem a mostra da "visão histórica" do grupo que ostenta no folheto a foto de uma mulher, Maria Pimentel, membro do seu Comitê Central: "os grupos homossexuais — aqueles que rejeitavam assumidamente a sua condição feminina"; "o PCB e o PC do B, momentaneamente intimados com a formidável pressão política e ideológica desencadeada contra o movimento, que também eles subestimavam..." "a nível político — e na vanguarda do movimento — o MR8".

As distorções da historinha que o folheto conta dos famosos II e III Congressos da Mulher Paulista fariam enrubescer até o daddy Diugashvili. Ou, respeitando a linguagem do 8, do "vovô Josef, pai dos povos". (N. da R. mais conhecida como Stalin). Só mesmo lembrando da musiquinha improvisada que já se cantava no III Congresso para as meninas do Hora do Povo: (Música de Cotidiano, Chico Buarque) Todo dia elas fazem tudo sempre igual / Tumultuam e bagunçam reunião / Diz que querem a tal da unidade / E na verdade elas querem é confusão."

Catálogo de mídia

Já está disponível o Index/Directory of Women's Media para 1986, uma listagem internacional de todas as formas de mídia de, para e sobre mulheres: periódicos, agências de notícias, grupos de rádio e TV, vídeo e cabo, filme, multimídia, música, artes, artes gráficas, teatro, distribuidoras, livrarias etc.

O Index/Directory é publicado pelo Women's Institute for Freedom of the Press, uma organização sem fins lucrativos que desde 1972 se dedica ao fortalecimento da rede de comunicação entre as mulheres e ao desenvolvimento de novas filosofias de comunicação, através do trabalho voluntário de associadas nos EUA e outros países.

As listagens são gratuitas e o Index/Directory custa US\$ 12,00. Maiores detalhes com Martha Leslie Allen/, 3306 Ross Place, N.W./ Washington, D.C. 20008/USA/tel: (202) 966-7783.

Uma Nova Janice

O prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, que já se tornou famoso pelos seus decretos ioiô (que vão e voltam) ou pingue-pongue ou outra coisa menos infantil que também vai e volta, mandou um de seus office-boys (os secretários), mais especificamente o da Educação, apreender as publicações "Retrato do Brasil" e "Edições dos Programas de Primeiro Grau", que seriam utilizados nas escolas municipais.

Disse o prefeito ioiô (ele também fica indo e voltando, enquanto a gente espera que se vá de vez) que ficou "estarecido, espantado e revoltado com essas obras". Sem querer saber se a população por acaso não estaria também estarecida, espantada e revoltada com seu prefeito, uma verdadeira obra da loucura coletiva, complementou: "É inacreditável que comunistas, comunistóides e inocentes úteis, alguns até da alta hierarquia da Igreja Católica, se tenham reunido para perverter o pensamento do professorado e dos jovens estudantes".

E não parou aí. Continuou afirmando que as "Edições dos Programas de Primeiro Grau têm como objetivo levar o aluno a caracterizar o Brasil como país capitalista, industrializado, dependente e subdesenvolvido" e que "são impressos criminosos que preconizam uma democracia à feição da Rússia".

Bem, quanto a esse negócio de perversão, ele deve entender, já quanto à "feição", quem já se acostumou com a de Jânio, que muda-muda e continua cada vez pior, não há de estranhar nenhuma outra, nem mesmo a da Rússia. Em relação ao resto, o que ele queria? Que se dissesse que o Brasil não é um país capitalista, que não tem indústrias e que é completamente desenvolvido e independente?

A Associação dos Professores do Ensino Municipal chiuu com essas e outras atitudes do prefeito e seu office-boy, como a revogação do regimento das escolas, que propunha uma maior participação dos professores — o que não está de acordo com a democracia de feição janista.

A resposta dos professores ao Abraham Lincoln do Pantanal, à beira do lago do Ibirapuera plantado devia ser mais poética. Assim, por exemplo:

"Ora, direis ouvir besteiras,
Certo, ouvistes sim,
Jânio pronunciou-las
e ele só sabe falar assim".

(Mouzar Benedito)

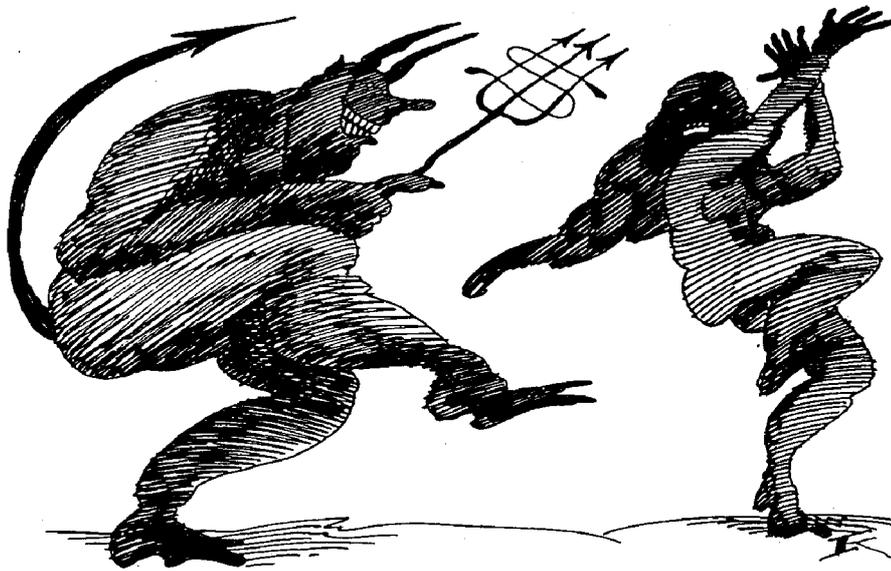


E ainda o Dalkon Shield

O Conselho Estadual da Condição Feminina e a Secretaria de Saúde de São Paulo avisam que estão à disposição das mulheres que comprovadamente tenham tido problemas de saúde por uso do DIU DALKON-SHIELD e queiram executar seu direito à indenização.

Basta apenas entrar em contato com a Comissão de Saúde do Conselho ou com os Departamentos Regionais de Saúde onde há uma ficha a ser preenchida e que será remetida ao fabricante.

O endereço do CECF é Rua Estados Unidos 346 CEP 01427 São Paulo SP.



Je Vous Salue, Brizola

Ruth Escobar vem criticando os machistas do PMDB e se reunindo entusiasmadamente com Leonel Brizola. E Rose Marie Muraro declarou, ao ingressar no PDT carioca que "Brizola é um feminista".

Só para refrescar a memória: além de ser um dos poucos estados brasileiros onde sequer se cogitou em implantar qualquer serviço reivindicado pelas mulheres (delegacia da mulher, por exemplo), o Rio de Janeiro, através de seu governador, foi pioneiro, nos últimos tempos, em sujeição à Igreja Católica: Brizola vetou um pro-

jeito de lei aprovado pela Assembléia Legislativa carioca que regulamentava a prática dos casos de aborto permitidos pelo Código Penal na rede de saúde do Estado.

Um outro projeto de lei, também de autoria de Lúcia Arruda (PT), foi vetado pelo governador: a licença ao funcionário público durante dez dias a partir do nascimento de seu filho. Alegando inconstitucionalidade e ainda, aumento da despesa pública, o projeto dançou.

E aí, Ruth e Rose?

(E.L.)

Essa é pra Maria Luísa

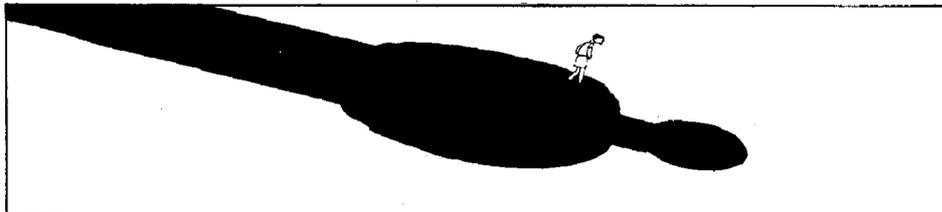
Chegou à redação do MULHERIO a quarta edição de uma brochura publicada no Haváí chamada **Women, Men and the Changing Language** (Mulheres, Homens e as Mudanças na Língua). Apresentada pelo prefeito de Honolulu, Frank F. Fási, o livretinho apresenta alternativas para expressões sexistas em vários níveis.

Por exemplo: "Descreva a aparência de uma mulher apenas nas mesmas circunstâncias em que você descreveria a do homem." Seria apropriado redigir "O candidato John Lee e sua esposa mignon e loira"? Então, deveria também ser apropriado dizer — "A candidata a prefeita Jane Lee e seu marido moreno de cabelos negros..."

E ainda indica várias palavras a serem corrigidas: todas as profissões que terminam em man (Homem) como anchorman, businessman, fireman, workman seriam substituídas por anchor, business executive, firefighter, e worker.

Mankind (humanidade) viraria humanity, man's best friend (o melhor amigo do homem) ficaria a person's best friend (o melhor amigo de alguém), ao invés de se falar em homem primitivo, se usaria a expressão povo primitivo e por aí vai...

Já pensaram numa reforma linguística deste porte sendo proposta por um prefeito aqui no Brasil? Quem se atreveria? Jânio Quadros? Saturnino Braga ou Maria Luísa Fontenelle?



Hia Sa Sa, Olga

Hia Sa Sa — Hay Yahl é um grito de coragem, de ânimo, e também o título do vídeo de Olga Futemma sobre os okinawanos em São Paulo. Muito mais do que um documentário sobre essa pequena comunidade — uma parcela da imigração japonesa — são trinta minutos emocionantes que redescobrem e revelam os gestos de uma cultura que tem a dança como sua forma de expressão mais verdadeira. Um camponês dança sob a chuva, pés descalços sobre a terra semeada. Boca cereja, negras sobrancheiras, as mulheres que no dia-a-dia são feirantes, donas-de-casa, se transformam em princesas vestidas com os trajes e cores incríveis dessa pequena ilha vizinha do Japão. A dança é o ritmo da natureza, integração, identidade.

"Não se trata de propor uma parada no tempo, as mudanças são inevitáveis", diz Olga. "As minorias culturais têm que saber o seu valor. É preciso que o sonho se multiplique". Trabalhando estas idéias e sentimentos, a cultura e sua transformação, Olga nos propõe imagens de outras fantasias: um bloco de "africanos" de olhos puxados sambando na avenida, um punk-nissei colorindo os cabelos espetados, as ruas da cidade vertiginosa e os desenhos de seu bairro oriental. Beleza pura.

Agora é furar o bloqueio das tevês para a produção independente e pintar em todas as telas... **Hia Sa Sa, Olguinha!** (Regina Gomes)

Pílula para homens

Tudo está dependendo da produção, em grande quantidade, de um molécula bastante complicada. Mas superada essa fase, os cientistas americanos estarão prestes a anunciar para o mundo a descoberta do "anticoncepcional perfeito". E para homens.

A molécula faz parte de uma substância natural, só agora identificada por cientistas da Genetech Inc e do Instituto Salk, na Califórnia. O nome é inibina, um hormônio que parece bloquear a fertilidade sem quebrar o equilíbrio hormonal do organismo e sem diminuir o interesse sexual.

A substância também poderá levar, futuramente, ao desenvolvimento de um anticoncepcional para mulheres. Mas o "futuramente" quer dizer depois, e só depois, de terminadas as pesquisas que comprovem a sua eficácia como contraceptivo no organismo masculino. A engenharia genética americana está assim muito perto de anunciar a sonhada (por milhões e milhões de mulheres) primeira pílula para homens. E vale repetir: perfeita!



Castradoras até quando?

Os homens chegam entusiasmados e a bunda só faz rebolar mais um pouco. Agora, quando se aproximam as mulheres para examinar a cueca e seu sugerido conteúdo, eis que o pânico toma conta do macho e ele foge.

Estamos falando do anúncio das calcinhas e cuecas Hope, é claro.

ESTUDOS MULHERES SOBRE

NÚCLEOS DE ESTUDO

Acaba de ser criado (finalmente) o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher da USP (NUCLEM) que reúne professores e alunos de pós-graduação de diferentes unidades e departamentos da universidade. O núcleo coordenado pela professora Eva Blay conta no momento com participantes das áreas de Artes, Comunicação, Direito, Geografia, História, Medicina, Psicologia, Saúde Pública e Sociologia. Tem como objetivos: divulgar, através de um boletim, os cursos e pesquisas sobre mulher em andamento na USP; incentivar a realização de novos cursos especialmente a nível de pós-graduação e desenvolver linhas de pesquisa próprias visando promover um melhor intercâmbio entre pesquisadores assim como entre a Academia e a comunidade mais ampla. O NUCLEM aceita idéias e sugestões, está aberto à participação de todos interessados, funciona no prédio da Antiga Reitoria, sala 201. Travessa J, nº 374. Cep. 05508. Cidade Universitária. São Paulo.

Dentre as muitas atividades desenvolvidas pelo Núcleo-Mulher (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher) criado no 2º semestre de 1984 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estão em andamento as seguintes pesquisas: "Mulher e Poder no Rio Grande do Sul (1889-1930)", realizada por Céli Regina Pinto, projeto que tem como objetivo reconstituir a vida cotidiana da mulher na campanha do Rio Grande do Sul no período da República Velha; "A Mulher e a Educação no Rio Grande do Sul na República Velha" também por Céli Regina Pinto; "A História Política da Mulher no Rio Grande do Sul. Um estudo de caso, a deputada estadual Sueli Gomes de Oliveira (1945-1975)" de Jussara Prá e "A dupla jornada de trabalho da mulher: estudo de caso sobre trabalhadoras da Educação" por Alba Neves Spier.

O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da Universidade Federal da Bahia depois de uma árdua batalha de quase dois anos conseguiu a criação do "Centro de Documentação Zahidê Machado". Mas a luta continua; como as dificuldades na montagem do acervo são enormes, o NEIM está solicitando a doação de livros, cópias de artigos, teses ou relatórios de pesquisa que tratem especificamente da condição da mulher que devem ser enviados para Ana Alice Costa. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. Mestrado em Ciências Sociais da UFBA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Estrada de São Lázaro, 197. 40.000 — Salvador.

O Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM) da PUC do Rio de Janeiro desenvolveu um amplo estudo sobre ação participativa junto a mulheres residentes na Favela do Vidigal. A pesquisa iniciada em 1982 abrangeu três áreas principais: Saúde, Educação e Política foram estudadas as diferentes formas de participação comunitária, destacando-se a Associação de Moradores. No momento está sendo desenvolvida, na mesma comunidade, uma pesquisa sobre "Relações Mãe — Filha adolescente".

PESQUISAS

Duas pesquisas interessantes sendo realizadas pelo Prof. Luiz Mott, da Universidade Federal da Bahia: **Moralidade e Sexualidade no Brasil Colonial**, reconstrução da história dos "sodomitas" — homossexuais masculinos — através dos processos e denúncias conservados na Torre do Tombo (Portugal), caracterizando-se os diferentes tipos de "fanchonos" e os mecanismos institucionais e sociais de repressão ao "abominável pecado nefando" e **Educação Sexual e Sexologia no Brasil: 1900-1950**, levantamento da produção bibliográfica brasileira e de traduções tendo como tema a educação sexual — dos adultos e adolescentes — na primeira metade de nosso século. A existência de mais de 100 títulos prova que já houve em nosso país uma preocupação muito mais intensa pelos estudos da sexualidade.

CONCURSO

Até 30 de abril próximo, a Fundação Carlos Chagas estará recebendo inscrições para o IVº Concurso de projetos de pesquisa sobre a mulher brasileira. Serão aceitos projetos, de áreas disciplinares diversificadas, que não ultrapassem 20 páginas datilografadas em espaço duplo, comportando discussão conceitual, metodológica e bibliografia, apresentados em 5 vias. O Concurso é aberto a qualquer pessoa com residência permanente no Brasil. A dotação de aproximadamente 650 ORTNs cobrirá o período de agosto de 1986 a julho de 1987. Os resultados devem ser comunicados no início de julho. Maiores informações: Fundação Carlos Chagas. Av. Prof. Francisco Morato, 1565 — CEP — 05513 São Paulo ou com Danielle (011) 211-4511.

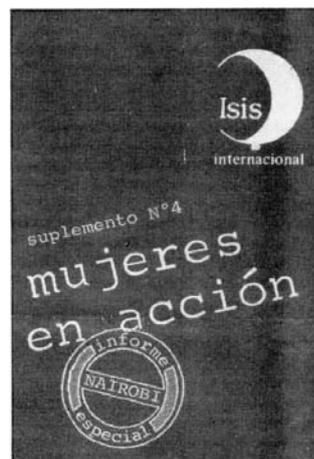
REVISTAS

O número 78 da revista Nueva Sociedad (jul/ago 85) de Caracas, Venezuela, tem como tema central as mulheres. Doze artigos discutem o assunto, entre eles Machismo e Violência, de Carmen Lugo, socióloga mexicana e diretora da revista FEM; De Norma Rae a Silkwood — Mulher e Trabalho, da socióloga argentina Ma-

ria del Carmen Feijóo; Feminismo: Dúvidas e Contradições, da psicóloga chilena Ana Vasques, e ainda Feministas e Políticas um dos últimos ensaios de Julieta Kirkwood, socióloga chilena, pesquisadora e professora da FLACSO (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales), falecida prematuramente, dias depois da chegada deste ensaio à redação da revista.



O Annotated Guide to Women's Periodicals (Guia Anotado de Periódicos de Mulheres) lista mais de 250 publicações dos Estados Unidos, Canadá, México, América Central e do Sul. Cada publicação é brevemente resumida e indexada por título e por país. Para entrar na listagem ou assinar o Guia escreva para: Annotated Guide, Box E-94, Barlham College, Richmond, IN 47374, USA



O Isis Internacional acaba de lançar uma publicação sobre as Trabalhadoras Industriais na Ásia. Produzida em convênio com o CAW (Comitê de Mulheres Asiáticas), a revista trata da situação das trabalhadoras no Sri Lanka, na Índia, em Bengladesh, no Japão, em Hong-Kong, no Sudeste Asiático e nas Filipinas. A revista traz ainda uma bibliografia anotada sobre mulheres e trabalho.

Outra publicação do Isis Internacional é o suplemento nº 4 "Mujeres en Acción" que traz um apanhado sobre o Fórum e a Conferência de Nairôbi, além de endereços de novos grupos e redes de mulheres na América Latina e no Caribe

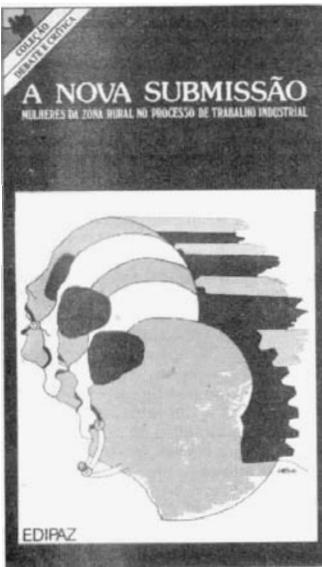
O endereço do Isis é Casilla 2067, Correo Central, Santiago, Chile



LIVROS

A nova submissão. Anita Moser. Mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial. Porto Alegre, EDIPAZ, 1985.

Originalmente dissertação de mestrado na PUC do Rio Grande do Sul, o livro analisa as mudanças sociais provocadas, na década de 70, pela instalação num município agrícola de Santa Catarina de uma moderna indústria de confecções que incorporou quase exclusivamente mão-de-obra feminina privilegiando o exame das características do processo de trabalho e do impacto do trabalho industrial na vida dessas mulheres que até então se encontravam na lavoura de subsistência.



Maria Amélia Azevedo



Mulheres Espancadas. A violência denunciada. Maria Amélia Azevedo, São Paulo, Cortez, 1985.

A análise de 2316 boletins de ocorrência de espancamento de mulheres por seus maridos ou companheiros no município de São Paulo no ano de 1981 permite verificar que a ecologia da violência doméstica se ramifica por toda a cidade e se distribui pelas diferentes classes sociais desmistificando a noção corrente de que a pobreza é o fator determinante da agressão. A explicação do fenômeno deve ser buscada nas relações desiguais entre classes, gêneros e raças. Esta pesquisa feminista foi realizada no quadro do Instituto de Estudos Interdisciplinares sobre Relações de Gênero da PUC de São Paulo e seus direitos autorais foram cedidos ao Conselho Estadual da Condição Feminina para colaborar no combate a esse crime do qual curiosamente quem se envengonha é a vítima.

Acaba de ser editado pelo Conselho Estadual da Condição Feminina o livreto "Violência contra a Mulher" de Maria Amélia Azevedo Goldberg. O livro se propõe a "denunciar, conscientizar e informar a mulher sobre a violência à qual ela está submetida", além de fornecer endereços onde as mulheres podem ser atendidas quando agredidas.

O CECF avisa às interessadas que possui um número limitado deste "livro de bolso" que pode ser utilizado em reuniões de grupos de mulheres. E que conta ainda com um audiovisual sobre violência doméstica, além de dispor de pessoal capacitado para debater a questão.

Os interessados devem procurar a Coordenadora da Comissão de Violência do CECF, Cida Medrado. O endereço do Conselho é Rua Estados Unidos, 346 — cep 01427. Telefones 852-1750 e 280-0900 — São Paulo — SP.

Vídeos e áudio-visuais

O CIM (Centro Informação Mulher) avisa que tem à disposição dos interessados em seu acervo os seguintes vídeos e áudio visuais:

Vídeos do I, II e III Encontros Feministas Latino-Americano e do Caribe; **Brilho Profano** — sobre a Casa da Mulher do Grajaú, produzido pelo Lith Video; **I Encontro Nacional de Saúde da Mulher; La Chela** — para animação de debates sobre a problemática da mulher com uma perspectiva feminista. Chile; **Duenã de Casa** — sobre a desvalorização do trabalho doméstico. Chile.

La Chela e Duenã de Casa, no más foram produzidos pela Casa da Mulher La Morada, Santiago do Chile. Audiovisuais

O Prazer é Nosso (Agência F4): Mulher e Saúde (DAC). Não Quero Ser a Próxima (4). A Mulher e o Trabalho... Fora de Casa (BASE). E Agora, Mãe? (F4). Roco M... (Pintan-

do o Sexo (SOS Corpo); Apenas o Começo (SOS Corpo).

O endereço do CIM é Caixa Postal 11.399 — CEP 05499 — São Paulo — SP. Telefone: 229-4818.

Catálogo

O International Women Artists Archive (IWAA) — Arquivo Internacional de Mulheres Artistas — foi fundado em 1978 e é uma coleção de reproduções de arte visual criada por mulheres e uma central de informações sobre o assunto. Conta hoje com mais de 400 livros e catálogos, além de centenas de recortes, cartazes, calendários, periódicos etc. Todo esse material está organizado por assunto, mídia, tema, autoras, raça, país etc. O IWAA está aberto ao público em geral e presta serviços de atendimento por telefone para pesquisa e informações.

As artistas que desejarem fazer parte do arquivo devem enviar fotos de seus trabalhos, um currículo-biografia, cópias de catálogos, recortes, críticas. Pode-se enviar slides (além das fotos) ou doar trabalhos originais. Todo o material deve estar claramente etiquetado com: nome da autora, título do trabalho, mídia, dimensões, data e indicação de onde se encontra o original.

O IWAA publica ainda a revista **IWAA News** (24 páginas, bianual), com textos e trabalhos de arte de mulheres, entrevistas, cartuns, informações sobre galerias e mostras, poesia, conto, fotografia.

A assinatura anual individual custa US\$ 7; para instituições custa US\$ 12. O endereço: International Women Artists Archive (IWAA), c/o Rosemary Anderson P.O. Box 600, Haldley, Mass. 01035 USA.

Assine
Mulherio

MARTIN FIERRO



Empanadas & Alfajores

- tamanhos especiais para festas
 - encomende direto na fábrica
 - fazemos entregas para bares e restaurantes
- Rua Medeiros de Albuquerque, 9
Vila Madalena — São Paulo — tel. 813-7284

CADERNOS DE PESQUISA

escola/trabalho/creche/
pesquisa/família/professor/
aluno/criança/mulher

Promoção de Assinaturas n.º 56-59

Faça sua assinatura e receba gratuitamente o livro **Bibliografia Anotada da Mulher Brasileira - vol. 2**

É só enviar este anúncio com um cheque nominal de **Cz\$ 120,00**

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Av. Francisco Morato, 1565
05513 — São Paulo — SP — tel (011) 211.4511

CLASSIFICADOS

- **Massagem integrativa.** Harmonização, desbloqueio, energização. Grupos de gestantes. Preparação para parto natural. Dianira Tel. 815-8874

Zulaê Cobra Ribeiro. **Advogada Criminal.** Telefone (011) 35-1002 - End. Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, S.F.

- **Margareth Martha Arilha Psicóloga Clínica.** Atendimento de adultos de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas. R. Caracas, 48, Jardim Paulista, São Paulo.

- **Faço traduções** — inglês e alemão — gosto de trabalhar com assuntos ligados ao movimento feminista, política e literatura. Telefone para Inês, no número 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).

MULHERES MOVIMENTO EM

Grupo DAWN: saídas feministas para a crise

Discutir a pobreza no mundo é discutir a condição da mulher. A partir desta premissa é possível compreender a importância do trabalho político muito mais agilizado desde o Fórum de Nairóbi pelo projeto DAWN (grupo integrado por destacadas mulheres do Terceiro Mundo) e que deu, no Brasil, no final de fevereiro, um passo decisivo na sua organização com a formação de uma secretaria geral e definição das linhas de ação para seis comissões.

Acadêmicas, feministas, de alguma forma relacionadas com o governo de seus países, as integrantes do grupo DAWN discutem a crise mundial (onde o sexo feminino é alvo privilegiado da opressão econômica nos países do Terceiro Mundo e ao mesmo tempo suporte de produção) com saídas só identificáveis a partir de uma visão macroestrutural feminista. "Não são lutas separadas, a da mulher contra a opressão e a dos povos contra a crise" — diz Neuma Aguiar, brasileira integrante do grupo e, a partir do encontro sediado no Brasil, também coordenadora da secretaria geral.

As seis comissões criadas neste en-

contro, encabeçadas por mulheres das diferentes regiões do Terceiro Mundo, atuarão em áreas específicas de estudos, divulgação, intercâmbio e instrumentação política para o trabalho de "avaliar a crise e prover alternativas para o futuro", a saber: 1 — Comunicação (Pacífico). 2 — Pesquisa (Ásia). 3 — Relações Internacionais (Ásia). 4 — Formação ou Treinamento (África). 5 — Direito — formas de advogar os direitos da mulher e interferir nos órgãos decisórios (Caribe). 6 — Publicações (América Latina). Através desses núcleos de trabalho viabiliza-se o intercâmbio na luta das mulheres do Terceiro Mundo.

Aqui, as mulheres que integram o Conselho Consultivo do Projeto DAWN: Neuma Aguiar (IUPERJ — Rio — Brasil), e Carmem Barroso (Fund. Carlos Chagas — Brasil), Peggy Antrobus (Barbados), Lourdes Arizpe (México), Nirmala Banerjee (Índia), Ela Bhatt (Índia), Tone Bleie (Noruega), Noeleen Heyzer (Malásia), Hameeda Hossain (Bengala), Isabel Largaia (Cuba), Geertje Lycklama (Holanda), Lucille Mair (Jamaica), Marie - Angélique Savane (Senegal), Gita Sen (Índia) e Krishna Patel (Instraw).

Sociedade Civil e das Instituições Democráticas.

"Em todos esses temas, lembra Florisa, é importante a participação da mulher brasileira e, especialmente, dos grupos feministas, levando nossa ação para além do interesse específico da mulher, porém nunca perdendo este de vista".

As colaborações podem ser enviadas para: Rua Alfredo Piragibe, 65, CEP 05447 — São Paulo ou para a Procuradoria da República — Praça da República, 299 4º andar, CEP 01045 — São Paulo.



Conselho Carioca

As feministas cariocas não perdem tempo. Depois de terem apresentado, durante o processo eleitoral da prefeitura o documento Alerta Feminista para as eleições municipais, acabam de propor ao prefeito eleito, Saturnino Braga, PDT, a criação de um Conselho Municipal da Condição Feminina.

Já no Alerta, as cariocas reivindicavam a presença das mulheres nas estruturas de poder da cidade. Agora, contando com a receptividade do vice-presidente, João Rezende, comprometido com os movimentos sociais autônomos, as feministas apresentam um plano com as diretrizes e sugerem uma estrutura para o Conselho.

Toda força, mocada!

Caritas e SOS no Maranhão

Do Maranhão chegam ótimas notícias. A primeira delas é que em novembro passado foi criado o SOS Violência em São Luís com plantões de atendimento psicológico e jurídico gratuito às mulheres vítimas da violência. As meninas do SOS maranhense pedem que os outros SOS e grupos de mulheres que trabalham com violência em outros estados, enviem material e entrem em contato com elas.

A outra boa notícia é a lindíssima programação dedicada às mulheres que a Caritas Brasileira do Maranhão está planejando para o primeiro semestre de 86. Entre outras coisas, a Caritas vai propor ao Arcebispo que seja estipulada uma data de repúdio à violência contra as mulheres.

O pessoal da CARITAS e do SOS pede que sejam mandados materiais, cartas, enfim que se estabeleça algum intercâmbio. O endereço é: CARITAS BRASILEIRA — Av. Pedro II s/nº (Arcebispo) Caixa Postal 358 CEP 65000 São Luís do Maranhão.

Encontro de Jornalistas

A Frente Continental de Mulheres contra a Intervenção, a Associação de Mulheres Nicaraguenses "Luís Amanda Espinoza", a Associação Sandinista de Trabalhadores da Cultura e a União de Jornalistas da Nicarágua promovem em Manágua nos dias 29, 30 e 31 de março um Encontro de Mulheres Jornalistas de toda a América Latina e Caribe.

Os temas do Encontro são: o papel das jornalistas pela objetividade e verdade informativa; a problemática da mulher da América Latina e do Ca-

ribe e os meios de comunicação; a situação da mulher centro-americana e a deformação da informação sobre sua realidade.

Programa da ONU

O Fundo de Desenvolvimento da Mulher das Nações Unidas está começando o Programa de Ação Participativa para a América Latina e o Caribe. Quem nos informa disso é Carmem Barroso da Fundação Carlos Chagas. Segundo Carmem o programa terá cinco anos de duração e o fundo pretende, através dele, apoiar projetos inovadores que tenham possibilidade de influir na formulação de políticas globais que favoreçam a transformação da condição da mulher e do desenvolvimento social e econômico dos países da América Latina e do Caribe.

Carmem está participando desta fase de diagnósticos da situação da mulher em nove países, um dos quais é o Brasil e pede que lhe sejam enviadas informações sobre movimentos de mulheres e também cópias de estudos recentes a respeito. Caso haja interesse em se receber o diagnóstico quando pronto, Carmem se prontifica a enviar uma cópia. O endereço para correspondência é: Carmem Barroso — Fundação Carlos Chagas Av. Francisco Morato 1565 CEP 05513 São Paulo, SP, Brasil.

Programa Mulher e Educação

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) inauguraram no dia 8 de março o projeto *Discutindo o Papel da Mulher na Sociedade*. O projeto prevê uma série de atividades que vão desde o relato dos acontecimentos do dia 8 de março de 1857 até a dramatização de cenas da vida cotidiana na família envolvendo personagens masculinos e femininos.

Casa de Cora

Uma sala de exposição, um centro de documentação e uma videoteca: eis o que vai conter a casa onde morou Cora Coralina em Goiás. Parte da casa ainda será transformada num pequeno museu conservando o ambiente e os objetos pessoais de Cora. A iniciativa é da assessoria para a Política Cultural da Mulher do Ministério da Cultura juntamente com a Associação Casa de Cora Coralina e da Prefeitura Municipal de Goiânia.

Constituinte

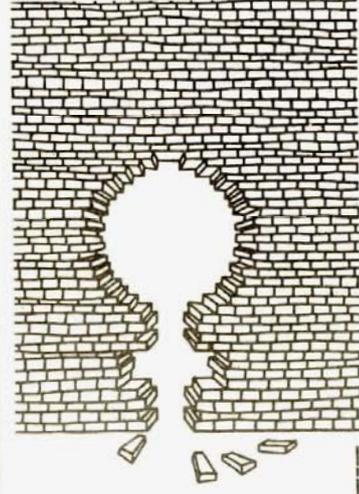
É o nome de um livreto lançado pela União de Mulheres do Município de São Paulo. Além de um breve histórico das Constituintes brasileiras, o livro lança propostas de seis capítulos na Constituição, todos eles relacionados com os direitos das mulheres: família, saúde, trabalho, maternidade, educação e cultura, e violência sexual.

O endereço da União é Rua Santo Antônio, 1359, Bela Vista — CEP 01314 — São Paulo, SP.

II

Florisa Verucci manda um recado a todas as mulheres: os trabalhos da Comissão de Estudos Constitucionais da Presidência da República passaram da fase de concentração nos comitês regionais e iniciaram a fase de comitês organizados por temas. São dez os temas propostos: Princípios fundamentais de ordem constitucional; Federação e Organização Tributária; Poder Legislativo e Organização Partidária; Poder Executivo; Poder Judiciário e Ministério Público; Educação, Cultura e Comunicação; Condições Ambientais — Saúde — Ciência e Tecnologia; Ordem Econômica; Ordem Social; Defesa do Estado, da

MULHERIO



Chi ha paura
delle nuove streghe?



Arquivo CIM

8 de Março 1986

